

AUTORES & LIVROS

Nº 10
13/1944

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Vol. VI
Nº 9

NOTICIA SOBRE OLIVEIRA LIMA

O Oliveira Lima nasceu em Recife, em 25 de dezembro de 1865. Era filho de Oliveira Lima, editor, "filho de um oficial-particular, homem bom, encasado haveres" recorre o próprio Oliveira Lima de Oliveira Lima em 1894, tentar fortuna em Pernambuco; alli casou com a Benedicta, descendente das Mirandas, Miranda e Castro. O nosso historiador viu na sua casa do Corredor da Rua que depois ficou o nome.

Quatro, por motivos de la família, seus pais se mudaram para Lisboa. Aos 11 anos, fazia seu exame final e tão bem o fazia excedente da banca de que a lei permitisse os em tais casos, ele receberia um prêmio para o menino... A esse seu maior entusiasmo é devidora de Southery. A essa época, também, pensando na profissão, o adolescente é leitor de jornalista, e o jornalista Correio do Brasil, seu companheiro no Correio do Brasil da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo. Matrícula, matrícula, matrícula escolar em São Paulo, Faz o seu Licenciamento, primeiro no Rio de Janeiro, e depois na Academia. Passando o Curso Superior de Letras para aqueles que servem de mestres, Rebeca Sá, Viale, Socorro, Pedroso, que mais cedo o relatou de parecer variar no seu antigo discípulo, assistente na Academia Portuguesa, Vasconcelos, Abreu, Melina, sacerdote e literatura italiana; Pinheiro Chaves, professor de literatura antiga; Dr. Braga, professor de Literatura moderna, etc. O professor dos seus mestres é o Oliveira Martins. Faz o curso de diplomacia da Torre Lumbi, Cria, nessa ocasião, des ambições, as quais fizel até ao fim da vida, a do Barão de Santo Antônio, Jaime Victor Brito Aranha (jornalistas) e conselheiros S. Manoel, e Eduardo Gómez. Faz-se grande frequência de teatros e de palácios políticos; na época das suas visitas à París e Londres, convocações políticas são a tempo as de um ardente patriota — embora ele vivesse depois um ferrenho opositor do princípio monár-

quico. Em 1890, falece seu pai, e Oliveira Lima vem pela primeira vez ao Rio. Aqui entra para a carreira diplomática, saindo como secretário do Brasil em 1891, e naiva da melhor das provas, Tratativa com Lopes da Costa e depois com o Barão de Mauá. Em 1892, é nomeado encarregado de negócios do Brasil em Londres, e vai servir com Souza Corrêa. Ali teve ocasião de ser apresentado à Rainha Vitória, que logo depois faleceu. No entanto, o soberano, representou o governo brasileiro, no lado de Mauá, que representou pessoalmente Campos Sales.

Em 1893, foi nomeado encarregado de negócios no Japão; nesse período de atividade diplomática deixou-lhe um diário, relatando o que observava nesse país. E, também em 1893, que ele ve ser premiada pela Associação do Quarto Centenário

do Oliveira Lima, incluindo a Bélgica, a Holanda, as várias reuniões da Alemanha, a Áustria e a Itália. E começou a escrever seus livros — publicando Pernambuco e seu desenvolvimento histórico (Leipzig, 1894), e Aspectos da Literatura Colonial (também Leipzig, 1896).

Em 1895 passa um mês com sua mãe em Lisboa; passa alguns dias nos Açores e vem ao Brasil, Barbosa Lima, que então governava Pernambuco, insistiu para que Oliveira Lima vá trabalhar ao seu lado, auxiliando-o na solução dos numerosos problemas com que se vai defrontando. O jovem escritor resiste à tentação de entrar para a política, como lhe é oferecido, e prefere continuar na carreira diplomática. No Rio, trava boas relações com o pessoal da Revista Brasileira, fazendo-se amigo de Machado de Assis, José Verissimo, Graciosa, Aranha, Roerich, Olavici, e outros. E esse o grupo que pouco depois vai fundar a Academia Brasileira de Letras, chamando Oliveira Lima para ocupar um dos fauteuils. O historiador recita o convite, eriando a cadeira nº 39, que tem como patrono Varnhagen. Sua vida de acadêmico foi de resto muito sumária: ele trouxe posse de sua cadeira em 17 de julho de 1903 (recebida por Salvador de Mendonça); recebeu Artur Orlando em 28 de dezembro de 1907; e desligou-se da sua ilustre companhia em 1914, não ocasião da herança Alves, Serviu-lhe de motivo o fato de haver a Academia criado as fileiras de 100 mil réis para os acadêmicos que comparecessem às sessões. Oliveira Lima achou isso indecoroso, e pronunciou-se na Faculdade de Direito do Recife um discurso onde classificava essa decisão como uma forma de roubar o morto, referia-se ao Ilustrado Alves. E nunca mais apareceu à instituição.

Em 1896 é nomeado primeiro secretário da nossa legação em Washington. A nomeação vieram de Carlos de Carvalho, que era então ministro das Relações Exteriores. Refere Oliveira Lima que a princípio Carlos de Carvalho pretendia dar-lhe um cargo no Peru. Ele fora consultado sobre o assunto e o Visconde de Cabo Frio, seu amigo e diretor geral do Itamarati, Cabo Frio respondeu-lhe piscando os olhos: "Peru só na mesa, assado, para quem gosta". Vai para os Estados Unidos, e passa a servir sob a direção de um chefe que lhe merece a maior estima e afetividade, Salvador de Mendonça. Em 1899, é nomeado encarregado de negócios do Brasil em Londres, e vai servir com Souza Corrêa. Ali teve ocasião de ser apresentado à Rainha Vitória, que logo depois faleceu. No entanto, o soberano, representou o governo brasileiro, no lado de Mauá, que representou pessoalmente Campos Sales.

Em 1900, foi nomeado encarregado de negócios no Japão; nesse período de atividade diplomática deixou-lhe um diário, relatando o que observava nesse país. E, também em 1900 que ele ve ser premiada pela Associação do Quarto Centenário

Continua na pg. 149



OLIVEIRA LIMA

SUMÁRIO

PÁGINA 133:

— Notícia sobre Oliveira Lima.

tradutor do Inglês, IV — de Miss Hull.

PÁGINA 134:

— O Brasil e o Congresso de Utrecht (Fragmento da História diplomática do Brasil), de Oliveira Lima.

— Advertência do Secretário de El Rey, de Oliveira Lima.

— Bibliografia de Oliveira Lima.

— Oliveira Lima íntimo, de Mario Melo.

PÁGINAS 143, 144 e 155:

— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea.

— Segunda série — Antologia da prosa, XI — Marques Rebello.

— Marques Rebello (uma biografia com retratos).

— Bibliografia de Marques Rebello.

— Algumas fontes sobre Marques Rebello.

— Páginas de um Diário, de Marques Rebello.

— Na sua Dona Encantada.

— Circo de Coelhinhos.

— Fac-símile de um autógrafo de Marques Rebello.

PÁGINA 135:

— Rocha Pitta, de Oliveira Lima.

— Oliveira Lima, num retrato de H. Bernardelli.

PÁGINAS 136 e 137:

— Estudos sobre Oliveira Lima, de João Ribeiro.

I — A revolução de 1817;

II — História da Civilização;

III — A morte de Oliveira Lima;

IV — D. Miguel no trono;

V — O catálogo da biblioteca de Oliveira Lima.

— Uma poesia desconhecida, de Gabriela de Andrade Dias, de Mucio Leão.

PÁGINA 147:

— Alguns sonetos de Gabriela de Andrade Dias;

— Saudade

— Soneto

— O Retrato

— Dois oasis

— O Mistério

— A última lágrima

— Soneto

— Recordação

— Veneida

— Ritinha

— Azura

— Um documento referente à biografia de Teófilo Dias.

PÁGINA 138:

— Página de um diário, de Humberto de Campos.

— Oliveira Lima, Prefácio do professor Martinchene ao volume de conferências de Oliveira Lima.

— Correspondência de escritores. Uma carta de Oliveira Lima a João Ribeiro (fac-símile de autógrafo).

PÁGINA 139:

— Heróis e Filhos, de Gilberto Freyre.

— Como servir o rei, de Oliveira Lima.

PÁGINAS 140 e 141:

— Tres céus de O Secretário de El-Rey, de Oliveira Lima.

PÁGINA 142:

— Palavras que enganam •

PÁGINA 148:

— Visita a Francis James, de Ribeiro Couto.

— Fac-símile de um autógrafo de Francis James.

— Flor secular, de J. M. de Heredia. Tradução de Sevérino Montenegro.

— Cantiga, de Luiz Mota.

O BRASIL E O CONGRESSO DE Utrecht (Fragmento da História diplomática do Brasil)

OLIVEIRA LIMA

Representando o Brasil no século XVIII o melhor do império colonial português, é natural que os seus destinos comprometidos pelas ambições territoriais das franceses do Norte e dos espanhóis do Sul, tivessem constituído a maior das preocupações dos plenipotenciários do Reino no Congresso de Utrecht, pelo qual se pôs termo à guerra da sucessão da Espanha. Tanto mais legítimas aparecem-nos estas preocupações, quanto a Grã-Bretanha na sua ânsia pela paz, por Bolingbroke e Harley (Oxford) viam cada vez menos maiores e caóticos, abandonara o seu velho aliado a todos os azares da fortuna diplomática, que aliás o levava com a habitualidade de d. Luís da Cunha, a quem o Brasil deve, em última instância, os seus recentes sucessos das Missões do Iapão.

Na Inglaterra não passaram entretanto despercebidas a trégua feita ao amigo tradicional e a afronta do brio nacional. A rainha Anna morreu logo depois da reunião do Congresso, em 1712, e um dos grandes tópicos da acusação levantada pelos "whigs", que patrocinavam a sucessão protestante a candidatura do rei de Hanover como o oposto da Câmara dos Comuns, e qual Walpole ia dotar de força, contra os "tories", que preferiam a sucessão masculina dos Stuarts embora com suas preleções calóticas, viram justamente aquelas negociações para a paz, em que se aínda tiveram sido surpreendidas a honra e a segurança impecáveis, pois que a França delas saiu afinal de posse quase da sua fronteira almejada e com as vantagens adquiridas.

Bolingbroke foi sem contestação um dos políticos de mais peregrino talento e de mais extensas habilidades que hão figurado no cenário de Westminster, mas o seu epóxodo era igual à sua capacidade. O que sobreviveu visava era a sua conservação no poder, e esta consideração pessoal invadira os próprios interesses patrióticos. Oxford nos é descrito pelos historiadores britânicos como um espírito indeciso, que nunca sabia querer com firmeza e deixou por isso passar a melhor oportunidade do restabelecimento da monarquia nacional, quando se podia afirmar sem exagero que dois terços da Grã-Bretanha e Escócia vibravam como jardilhas.

A França de Luiz XIV sustentava sempre os pretendentes, reconhecendo a corte inglesa de Saint-Germain, mas a regência de Philippe d'Orléans, maturado o volume e prestígio do elemento Jacobita de Saint-Mancha, preferiu aproximar-se de Jorge I, judegando por um lado perdida em Inglaterra a causa do patrício e por outro lado recebendo os esforços de Alberoni para reconquistar o poder continental da Espanha destruído em Utrecht com a transição para a Áustria das suas sucessões e possessões na Itália e Países Baixos. E sabia como as aspirações grandiosas de Philippe V determinaram a aliança de Inglaterra, França, Holanda e Áustria à queda do seu ministro.

O abandono de Portugal em Utrecht foi de resto lançado em rosto a Bolingbroke quando, em 1715, Jorge I lhe concedeu o perdão, e Walpole defendeu um projeto de lei resituando-lhe os bens e rincos. Carlos "vii" criticaram severamente esta indulgência e McHague particularmente, o antigo ministro em Lisboa que então exercia o cargo de fiscal da Real Casa, denunciou na Câmara dos Comuns a conduta escandalosa e vil de Bolingbroke durante sua administração, especificando as suas negociações clandestinas para a paz, e sua altitude insolente para com os "aliados da Inglatera", a sua desverga dos Catalães revoltosos, e seu desdém dos interesses da confederação e do decoro britânico.

E tão manifesto e irritante foi aquele proceder, que Walpole em 1726 falou de intervir energeticamente em favor de Portugal na questão dos criados do embaixador português em Madrid, a qual ameaçava desencadear uma guerra entre as duas nações ibéricas. O fato, se parece até certo ponto natural, por quanto Walpole sempre em fazer o oposto do treguado político a quem, com o seu famoso discurso de 1734, pela segunda vez, expôs da vida pública, não deixa ao mesmo tempo de ser singular, por exarmos habituados a ver em Walpole um partidário extremo da paz e da não intervenção. Na referida ocasião, se bem que mostrando imparcialidade, não permitindo que Portugal exigisse uma satisfação demasiada, Walpole competiu a Espanha a adquirir o caso ao arbitramento da Inglaterra e da França.

Pouco havia justamente que Walpole incorresse em seria censura em seu país por motivo da neutralidade observada em 1733 entre a Espanha e a França de um lado, ligadas pelo primeiro pacto de família, a esse tempo secreto, e do outro a Áustria na contenção que terminou com a colocação do infante D. Carlos (o papa Carlos III de Espanha) no trono real das Duas Sicílias e de Espanha. Lezinski do Polonia no trono ducal de Lorena. Para o grande "commoner" para o fidalgo rural que primeiramente sistematizou o regime representativo inglês, existia incompatibilidade entre a guerra e as suas finanças, e era com um júbilo sincero que ele exclamava após a alaudida campanha, que posto tivessem havido cinquenta mil europeus frustados, os campos de batalla continentais não viram cair um só soldado inglês.

Rio.
Almanaque Garnier — 1905.

ADVERTENCIA DO "SECRETARIO DE EL REY"

OLIVEIRA LIMA

O autor, denominando esta peça nacional, acredita que ela merece tal nome, se bem que a sua ação seja passada em Portugal.

Em primeiro lugar o nosso período histórico anterior à Independência envolve forçosamente uma tão íntima ligação da colônia com a metrópole que é quase impossível, no traçar de uma, perder a outra de vista. As comunicações materiais e sobretudo as relações morais estabeleciam como que uma continuidade territorial entre os domínios do Atlântico, que formavam uma só pátria. Demais, irrealizável seria fazer passar a ação no Brasil desde o momento em que o protagonista da peça, talvez o mais ilustre brasileiro do século XVII e cuja fi-

BIBLIOGRAFIA DE OLIVEIRA LIMA

- Pernambuco e seu desenvolvimento histórico. Leipzig, 1804.
- Aspectos da Literatura Colonial Brasileira. Leipzig, 1898.
- Nos Estados Unidos. Leipzig, 1899.
- Sept Ans de République au Brésil. Paris, 1896.
- Memória sobre o descobrimento do Brasil. Rio, 1900.
- O reconhecimento do Império. Paris, 1902.
- No Japão. Rio, 1904.
- Relação dos manuscritos do Museu Britânico. Rio, 1903.
- Elenco de Varnhagen. Rio, 1903. (Discursos Acadêmicos, v. 1).
- O Japão. Rio, 1903.
- O Secretário do Re. Rio, 1904.
- Vida diplomática (conferência). Recife, 1904.
- O Padre Manoel de Moraes. S. Paulo, 1907.
- Saudação a Artur Orlandino na Academia Brasileira de Letras. Disc. pronunciado em 28-12-1907. (Discursos Acadêmicos, v. 2.)
- José Bonifácio e o movimento da Independência. S. Paulo, 1907.
- Gustave Beyer. S. Paulo, 1907.
- Pan-Americanismo. Bolívar-Monroe — Roosevelt. Rio, 1908.
- Causas diplomáticas. Lisboa, 1908.
- D. João VI no Brasil (dois volumes). Rio, 1909.
- Le Brésil, seu limites actuelles, seu voies de penetration. Rapports présentés au Congrès de Géographie de Antwerp, 1909.
- Deux Mémoires sur l'revolution de Rio de Janeiro, présentés au Congrès des Américaines à Vienne. Viena, 1909. (A primeira dessas memórias é de Oliveira Lima.)
- La Lanque portugaise. In: Literatura Brasileira. (Conferências Antwerp, 1909).
- Marchado de Assis et son œuvre littéraire. Avant-propos de Anatole France. Paris, 1909.
- La Conquête du Brésil (Conferência). Bruxelas, 1910.
- Le Brésil et les étrangers. (Conferência). Antwerp, 1911.
- Formation historique de la nationalité brésilienne (Conferências na Sorbonne). Paris, 1911. — Trad. esp. Madrid, 1918.
- A proteção dos aborígenes brasileiros. Londres, 1912.
- Evolução histórica da América Latina comparada com a da América Inglesa. (Série de conferências feitas em 12 Universidades Americanas). Rio, 1914 — Trad. ingl., Califórnia — Trad. esp. Madrid, 1918.
- O meu caso. Rio, 1913.
- História da Revolução de Pernambuco de 1817. Recife, 1917.
- Fundação de uma maternidade em Pernambuco (discurso). Recife, 1919.
- Na Argentina. Impressões de 1918-1919. S. Paulo, 1919. — Trad. esp. Montevideu, 1920.
- História da Civilização. São Paulo, 1921.
- O Movimento da Independência, 1821-1822. S. Paulo, 1922.
- Aspectos da história e da cultura do Brasil (Conferências inaugurais da cadeira de estudos Brasileiros). Lisboa, 1923.
- A nova Lusitânia. Cap. VII do vol. II da História da Colonização Portuguesa do Brasil. Porto, 1924.
- D. Pedro e D. Miguel. A

(Continua na pag. 127)

OLIVEIRA LIMA,

Embora pernambucano de nascimento, Oliveira Lima juntou seu espírito no velho Portugal, para onde se transportou seus anos de idade, aperfeiçoou-o nos centros mais edificantes da Europa, com a virtude, porém, de nunca se ter esquecido da pátria longínqua, cuja história estudava. Prona divota e que seu trabalho de estrela foi dedicado ao seu berço — "Pernambuco, seu desenvolvimento histórico". Apesar de escrito por um jovem de vinte e três anos de idade, ainda hoje é considerado o melhor livro de história sobre Pernambuco. Também outra obra de alcunha pela sua terra natal é ter procurado numa família pernambucana a feliz companheira de seus dias e visitar periodicamente o Estado que se orgulha de ter como um dos mais distintos filhos.

A princípio devido a carreira diplomática, presentemente e em virtude de ter de dedicar-se ao professorado nos Estados Unidos que disputam o seu saber e o seu mérito, Oliveira Lima tem a Pernambuco somente "mártis saudades".

Aqui se hospeda numa chacara de Parnamirim ou no ensaio Cachoeirinha.

Parnamirim — "Parand-mirins", o risonho — é um arruamento Recife, a cinco quilômetros do centro da cidade, servido na trácia pela via-férrea suburbana e hoje pelos carros eletricos na "Pernambuco Tramways". Fazia a margem esquerda do Cunharibe, cortado pelo riacho que lhe deu nome e que se tornou célebre na primeira fase da guerra contra os holandeses. O clima é ameno e grande quantidade de árvores frutíferas que circundam a casa em que habita — propriedade de pessoa de sua família.

No Parnamirim passa o grande escritor a maior parte do tempo de suas visitas à terra natal. Daí lhe saíram os originais de "História da Revolução de 1817", do "Na Argentina" e da "História da Civilização", prestes a aparecer.

Cachoeirinha é um antigo engenho de açúcar, motivo a época, sistema que no século XVII, conforme frei Vicente do Salvador, era a perfeição das fábricas dessa natureza.

Está situado entre os municípios de Vitoria e Escada, a uns vinte quilômetros de cada uma das cidades que lhes servem de sede — para o norte em demanda da primeira e para o sul em demanda da segunda — ambas cortadas por linhas ferroviárias apenes dez léguas da capital.

A propriedade é banhada pelo rio Pirapama, de água limpa, cristalina, o qual cascata de declive em decílio duma altura de quatrocentos metros, formando pequenas cachoeiras em sua marcha vigorosa para o Oceano.

A "casa grande" — denominação colonial das antigas habitações dos proprietários de engenhos para diferenciar esses palacetes das moradias dos lavradores ou das antigas senzalas — confortável, higiênico e espacoso edifício de solida construção, está situado na encosta de uma colina, à margem direita do Pirapama, com a fachada para o oriente, recebendo a varanda romântica que sopra pelo vale do rio.

Ali se passa de uma temperatura branda, mista diversa da do litoral em que está edificada a cidade do Recife, quase no mesmo nível do mar.

Solar de um dos rebentos do florentino Caravancini que tanto contribuiu para a opulência da nobreza pernambucana, Cachoeirinha é propriedade comum da sogra, esposa e cunhados de Oliveira Lima. Ali, quando Pernambuco tem a ventura de o hospedar, passa ele algum tempo; momentaneamente na quadra em que a temperatura mais se eleva no litoral, ou quando está a escrever trabalho de maior vulto.

Em Cachoeirinha concluiu Oliveira Lima o seu famoso "D. João VI", há uma década; ai reuniu as provas da "História da Civilização" em vésperas de sair do prelo de uma casa editora de S. Paulo e ai está ele agora a braços com o "História da Independência", monumento com que a literatura nacional vai comemorar o primeiro centenário de nossa emancipação política.

Tendo a ventura de privar da intimidade desse grande brasileiro — o maior pernambucano de nossos dias — e de ter podido por mais uma vez das delícias que Cachoeirinha oferece aos que consomem suas diárias no horborinho da vida intensa das capitais, não queremos deixar a outre a indiscrição de divulgar os seus hábitos.

Oliveira Lima é, sobretudo, um homem metódico, com extraordinária capacidade de trabalho. Daí a sua grande vitória intelectual, ele esquece que é o princípio de nossas letras e sem insistência participa das festas do talento. Entre literatos que conhecem, faz-se de quase estreitane nas letras. Frequenta as tertúlias e ampara os plimutins diminuindo-se sem falsa modestia para que relêem lenham os que procuram encarregar-se. Vimoroso assim tomando parte em festas colegiais de distribuição de prêmios, nas sessões do Centro Acadêmico de Direito, nas reuniões do Congresso de Estudantes, nas apoteoses de neo-literatos, com a mesma bonhomia com que freqüenta as sessões do Instituto arqueológico pernambucano.

Oliveira Lima dorme habitualmente às 21 horas e acorda às 5. Inicia logo o trabalho que mais atenção lhe está despertando e só o interrompe às 7 horas para o café levan do gabinete. Se está na cidade, é em poucos minutos, os fornais de sua simplicidade. Às 8 horas vai ao banho e continua ao regressar, o seu trabalho até às 10, quando o almoço estará impreterivelmente à mesa.

Recomeça o trabalho às 11 horas e só o deixa às 16, quando lhe servem o jantar.

Se está na cidade e tem qualquer trabalho externo ou almoço reunido, sai entre 13 e 16 horas, demorando alguns minutos no "Diário de Pernambuco" de que é colaborador, e na "Literaria Contemporânea", onde se obstece do material de escritório.

Raramente sai à noite, nem mesmo para espetáculos... afim de não perturbar o sono reparador dos criados. Sempre que é possível, faz suas visitas aos dominios, durante o dia.

Terminado o jantar, não mais escreve. Na capital, põe uma

INTIMO - Mario Melo

uma de balanço no alô do leste da sua casa do Parnamirim aí deitada com a Januátila até às 20 horas. Quando se distrai, co-
mo alguns minutos. No campo, vai para o terraço do "Cyno-
conde" e aí se conserva até às 20 horas, quando se recolhe ao
quarto, lá ainda durante uma hora e dorme à larga.

Quem é Oliveira Lima com toda sua adiposidade, quase
600, a pesar 144 quilogramas, julgar que ali está o protótipo
do gastrônomo. Puro engano. Poncos feridos, como ele, tanta so-
nolência à mesa.

A manhã toma uma charneira de café e uma torrada. Ao al-
moço raramente se serve de prato, carne ou aves; em geral toma
pequenos, frutas, bolos e doces. O jantar é sua refeição
principal; mesmo assim não se serve de mais de dois pratos —
carne ou aves. Se ao almoço se tem servido de qualquer
dos ou deles se abatem ou não toca em mais de um e com a
permisão. Não dispensa, porém, ao jantar, legumes, fru-
tos-doces, bolos e queijos. Remata sempre o almoço ou jantar
uma chácara de chá. A noite não toma alimento algum nem
no chá. Abomina o álcool sob qualquer forma. Após as re-
feições huma horta charutos belaneiros.

Oliveira Lima tem a rara felicidade de encontrar para com-
partilhar uma virgina senhora. Além de uma dona de casa com-
o uma inteligência clara e uma ilustração admirável. Co-
mo o fundo norueguês, francês, espanhol, italiano, inglês e
outros, linguas que fala com a maior naturalidade.

Em contraste com a caligrafia do marido que é próprio não
sabe no dia seguinte, como tem confessado, possuir de Flora
Oliveira Lima uma letra masculina, de traços fortes, muito
se, muito legível, capaz de ensinar qualquer grafólogo sobre
a profissão de seu possuidor.

A distinta senhora acumula a profissão de dona de casa
e de secretária do marido. É uma grande colaboradora das
seus livros de Oliveira Lima e de seus artigos de imprensa.
É uma de suas conferências.

No estudo, medita e rascuna adiante o trabalho que o pre-
ocupa, contando-a uma meta-lolha de papel almanaque, sem lauda
que escava para emendas. Depois, tendo em mãos aquela hiero-
glifa o texto definitivo à sua secretaria. Sai então um tra-
balho limpo, perfeito, completo, sem que na revisão se lhe precise
uma vírgula sequer.

Oliveira Lima não deixa carta sem resposta, venha donde
samente as abra com uma tesoura ou canivete, para não
deixar a sobrecarta. Depois de respondida, põe-as em ordem
de um de cada ano e as coleciona. As respostas são protocoladas.
Quando o correio交stra alguma, pode com segurança di-
zer em que a escreveu, o assunto de que tratou e a data
exatamente em que a expediu. Das mais importantes deixa cópia,
que é usada em relação aos telegramas.

Os livros são o maior encanto de Oliveira Lima. Tem, assim,
um momento especial. Quando de qualquer deles precisa para uma
outra ou outra se vale de sua esplêndida memória e nada
lhe falta. Embora não muito admirador de jornais, arruma-os
após da leiura e por certo tempo os coleciona.

Em matéria de religião, Oliveira Lima diz-se católico-histó-
riaco nascido num país católico e nessa crença foi educado. Con-
sidera das mais puras a moral católica e não mudará de religião
só com o maior respeito às solenidades de qualquer religião
tolerante para todos os credos, o que lhe ia quase valendo
uma excomunhão de uma parte do clero pernambucano por ter
trabalhado para que a Associação Cristã de Moços tivesse sede
na Rua Recife. Como brasileiro, atendendo aos serviços que
o Brasil colonial prestaram os missionários católicos, especialmente
os jesuítas, não pode deixar de ter as maiores simpatias pelo catolicismo.

Toda a liturgia lhe merece atenção. Até mesmo a prática
canônica inferior de "fechar o corpo" com benditação ou aju-
tar a "espinhela caída" com orações e sinos cabalísticos. Espírito
superior, Oliveira Lima tanto se distrai com as diversões da alta
sociedade como com as das novas tradições populares. Aplaudiu
uma modinha brasileira acompanhada a violino, em noite de
verão, com prazer maior do que um trecho clássico de Wagner,
Verdi ou Massenet. Agora mesmo, na época de natal, promoveu
a funda a Cachoeirinha de um grupo de pastores, para realiza-
ção de uma festa tradicional do norte. E era um encanto ver
aquele grande espírito se deliciava tanto apreciando cinco
mulheres ignorantes, sem vozes educadas, sem estudos coreo-
práticos, sem mimica, a cantarem versos como

A flor do ananás
É Abacaxi quando val crescendo
Abacaxi, Abacaxi
Viva a folia deste pastoril

1 saltarem, a gesticularem num improvisado palco de taboas
e telas sobre barricas de bacalhau, com acompanhamento de gaita
e tamborim, como se dianse dos outros estivesssem Pavlova e Duna-
cas no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Ou a apreciar pelo
carnaval, também por ele atraído para o engenho, um marrão
de uma poroção próxima, com as suas vestes esquisitas
e suas dansas exóticas, a sua orquestra original, a enlouca lôca
com

Deus no céu e rei na terra
E na escada o seu barão; (*)
A nação Cambida-Nova
E a primeira nação.

Se existisse no tempo de Plutarco, Oliveira Lima teria sido
um de seus varões. E talvez, entre os brasileiros da atualidade,
o único caráter que não se amolda às conveniências do momento.
Diria o que pensa, como pensa e porque pensa, sem se incomodar
com as consequências. A palavra para ele não é um subterfúgio
de pensamento, mas a tradução fisi do seu pensar.

Os seus inimigos — inimigos que surgem das divergências
no Brasil como a sua liberdade e os homens e os fatos — só lhe
encontram um defeito na vida, o único que lhe atrai a
fome no calor das discussões, quando feridos pela sua pena cín-
ticos. Ser gordo de meus... .

Cachoeirinha (Pernambuco) Fevereiro de 1920 — ("Rev. do
Brasil" — Julho — 1942).

(*) Barão de Suassuna.



Oliveira Lima num retrato de H. Bernardelli.

Rocha Pitta -- Oliveira Lima

Era Rocha Pitta (1660

1738) um fazendeiro abastado, bacharelado em Coimbra, e que, começando por entregá-lo as
letres como passatempo, dedicou-lhe a pouco e pouco o má-
ximo de seu fervor espiritual, sobretudo quando o empolgou
o pensamento, levado a cabo, de
compreender os acontecimentos
e enaltecer os heroismos de que o Brasil já era então teatro. O
entusiasmo inicial da ideia sus-
tentou-se durante toda a sua
execução, e floresceu no estilo
em excesso imaginativo da obra,
na qual, debaixo das exagera-
ções retóricas, sentem-se pulsar
uma同情 sincere e um pa-
triotismo, ou melhor, um americanismo eloquente. Rocha
Pitta tem sido acusado de não
se mostrar bastante brasileiro,
no sentido de render convicta
dedicação ao domínio português.
O próprio título de seu livro pare-
ce indicar tal tendência, que o sr. Silviano Romero qualificou de
luzismo: "História da América
oPortuguesa" e não do Brasil.
escreveram o sócio da Academia de
História de Lisboa. Acho, con-
tudo, fraco motivo para censur-
as semelhante ausência em um
escritor dos principios do século
XVIII, de um sentimento de pa-
tria, o qual na realidade era
ainda forçosamente embrionário,
vago ou pelo menos mal de-
finido, portador, para mais, de
poucas esperanças e reclamando
para adquirir consistência e
intenção, a sugerir afinal
a das sedições. No nosso his-
toriador impera, entretanto, a
simpática pista que é da sua ter-
reitora, reconhece que era na-
por ditado a variedade das na-
turas carece da vivacidade das cores
e das valentias do pincel..."

Com efeito, se, como creio,
mercede desculpa o pomposismo
de Rocha Pitta ser um dos
seus discípulos mais perdidos;
no sonoro por ter fugido, no
meio da sua exuberância retó-
rica, da extravagâncias em que
desvincularam as primordiais mi-
litâncias dos culturistas e que
se assemelham sensivelmente
com as atuais excentricidades
do simbolismo, decadentismo ou
outras escolas poéticas anarqui-
cas, de desesperadora esterili-
dade, como pela razão que ob-
jetivamente invoca — a da mag-
nitude do assunto escolhido su-
pera melhor dizer, do cenário
em que o assunto tinha de ser
tratado. O estilo do batavo for-
ceja por acompanhar os ex-
plidores do meio jurídico, por
tentar as galas da natureza
ambiente, e em tal tentativa
de mero caráter exterior, de
pura execução técnica, busca os
efeitos pitorescos que a his-
tória modernamente encontra
um dia intimo romântico: o sen-
timento da diversidade das epi-
cas históricas.

Foi esse distintivo que, jun-
to com a compreensão nítida do
processo pelo qual evoluiu o
período provisório da grande
individualidades, representan-
tes, todavia, das aquisições e das
aspirações de um dado pe-
riodo, revolucionou a ciência, à
qual Vico fornecera no seculo
fundo aqueles alcances filosóficos,
de representar e obra a humani-
dade, e sabiamente dirigida pela
Providência "não mediante tris-
positivas, mas servindo-as dos
atos que nós livremente seguimos". No meio intelectual, po-
rem, em que trabalharam Ro-
cha Pitta, Jabolina, Pedro Ta-
ques, o paulista Frei Gaspar da
Madre de Deus e outros cra-
tistas mais da nossa seculo
XVIII, apenas continuaram a
ficar-se no domínio das ciênci-
as morais as "filosóficas históricas"
que procedem as sinteses socio-
lógicas, isto é, a inventar, (Continua na pag. 177)

ESTUDOS SOBRE

I A REVOLUÇÃO DE 1817

A revolução pernambucana de 1817 é o acontecimento literariamente mais harmônico da história do Brasil. Nenhum dos episódios da nossa história se presenta melhor no drama, a eloquência ou a poesia, todavia, as "linhas" que convivem para uma congruência que mais se junta e perfetação não se encontra. A imaginação de um poeta.

A revolução literária é essencialmente aberta pela sua finalidade, pois que este ou triste, a Revolução havia de ser neste momento a última palavra da evolução política. E' ainda, mais profissionalmente, na América, pois que todos os republicanos estavam, como a de 1817, do território napoleônico. Foi o primeiro quiblar da vaga que atingiu o Brasil.

Derrubando-se dois tronos da Europa, Bonaparte abriu de súbito, os olhos e as esperanças da América na realidade que sonhavam. A democracia continental, desde Méjico até Chile, foi a obra do Partido francês e das simpatias francesas.

A América acompanhava de longe a convulsão europeia, desencadeada contra o legitimismo francês.

O mundo de então, como o de hoje, estava dividido pelo duelo anticlerical-monárquico.

A vitória antipatriota da Inglaterra deu rumo de causa ao monarquia europeia e ao constitucionalismo, ferindo de morte as revoluções que, como a de 1817, não tiveram a boa fortuna de conamar-se a tempo.

O espírito liberal inglês não trouxe nas democracias americanas já instituídas e nem consentiu nem preveio a Santa Aliança dos seus partidários extremados. Mas, através de um serulo a Repúblia do Brasil.

Hoje, entre germanistas e franceses não sabemos para que constelação de Heróis marcha a civilização. Não temos conciença alguma do que se está fazendo a despeito disso, nessa terrível confusão.

Também não a tinham os revolucionários de 1817. Aparentemente, falavam com a mesma retórica e a mesma literatura cívica, dos "sara-louotes"; tinham tido, como preliminar desenvolvida, os seus pequenos encyclopedistas no "Arrepião" ou "Ilambé", nas "Academias" do Cabo e em algumas lojas macônicas.

Era, como sempre, quanto bastava para converter um tumulto de quartel em revolução democrática.

A monarquia transmigrada parecia aos patriotas um "conto de vigário". Para todos, porém, em sua condição de meia liberdade, embora apetecível, assemelhava-se as soluções do doutor Wenceslau: a política de "rachar ao meio". Tinhamo antecipado de um século a sabedoria do Salomão ministro.

Eramos portugueses, mas livres. O Brasil, Portugal e África, como disse o protocolo no seu unionismo, era o "maximum" de dependência a que podíamos aspirar.

Ainda há hoje no Brasil quem, não sem delicada gentileza, nos mete nessa definição de luso-brasilianismo de um século atrás. E um "survival" precioso que nos anuncia não te tanto ainda o último exato da amputação secular. Mas, está por pouco.

Ninguém cabia melhor que Oliveira Lima pela sua enorme erudição e pela altura das suas idéias gerais a tarefa de redigir o testemunho quase inconsciente, tecido sem ser os testemunhos contemporâneos na história do autor da revolução de 1817.

Muniz Tavares não faz mal que dar um depoimento dos sucessos. Não era historiador, nem

filósofo e talvez nem mesmo um homem de letras, mas tinha a eloquência dos que foram comparsas e sofreram a ação cataliniana dos que haviam escapado do naufrágio. Ele pôde assim recolher as vozes supersticiosas numa "singular universalidade", a de circarre para onde gastou quatro anos da sua melhor mocidade na companhia ilustre de Antônio Carlos e Frei Caetano.

Foi mais tarde monsenhor Tavares, formado em teologia em Paris, foi deputado à Constituinte portuguesa de 1821 e um dos embaixadores de Plymouth, quando os liberais ingleses pretendem instalar uma vez emendar o umbigo, que até hoje ainda não querem corrigir, da colônia americana.

Tudo isto lhe acendrava o patriotismo e lhe dava certa juventude, que conservou até os seus cabelos brancos ao escrever, em 1840, a "História da Revolução". Era um "homem" politicamente, político, diplomata, conselheiro da corte, e acima de tudo, um sacerdote.

Possuia por acentivo liberdade, e por assimilado ideólogo, quando a execução dos ideais democráticos nos colocou na América numa situação de "portunismo" que estava no inconsciente das coisas e era talvez favorável à unidade do colosso sem espinha.

E' difícil dizê-lo, porque um

seculo e talvez ilusório; em todo caso é um ponto que merece mais largo desenvolvimento. De caminho, dissemos que o maior e mais tenaz esforço pela unidade foi realizado sob formas republicanas que talvez eram as da Regência. Ai pelo menos entrou por muito pouco a consideração dinástica.

Autor da melhor história que possuímos da formação da nacionalidade, com D. João VI, é possível que as suas simpatias pelo rei forçado tenham diminuído em qualquer grau o entusiasmo pelas rebeliões americanas.

Entretanto, o seu entusiasmo não é pequeno pela revolução de 1817 "siriente pelas peripécias, simpática pelos caracteres e tocante pelo desenlace".

E junta ainda:

"Foi um movimento a um tempo demolidor e construtor, como nenhum outro entre nós e como nenhuma outra revolução, em grau superior, na América espanhola".

São palavras verdadeiras, exactas e sinceras. Grande foi a sua modestia em aparecer como um simples anotador desta edição cuja substância maior e melhor pertence à sua adextrada e primitiva pena.

(Imparcial, 13-8-1917)

II

OLIVEIRA LIMA, o eminentíssimo acadêmico, escritor infatigável e fecundo, um dos nomes mais festejados da última geração desde cedo se tem consagrado aos estudos nacionais da nossa história principalmente.

Já são numerosas as suas obras, e numerosíssimas as contribuições de atualidade, fragmentares e dispersas pela imprensa. Todos os sabem.

E quando parece ocupar-se de assuntos um pouco estranhos — como o dessa magnífica — "História da civilização" — que acaba de publicar, vê-se que na realidade é ainda um pensamento nacional que o inspira.

O que ele desculha neste livro é servir à nossa instrução histórica, deficiente quanto as idéias gerais e à síntese da cultura humana.

Os intultos deste livro são declaradamente expressos no prólogo da obra, a saber: corrigir o defeito, dos nossos compêndios que atropelam, uns demasiado quinhão às civilizações antigas, outros larga parte a história sagrada que serve mais à educação religiosa que à leitura; suprir a falta geral quanto à história da América São palavras suas.

Evans objectou não mais teóricas que persuasivas, porque o nosso autor consagra um pouco mais de duzentas páginas à história antiga no livro que alcança setecentas. Isto é, mais de que a quarta parte do livro.

A parte da América não é semelhante nos livros comuns; desco-

brimento, conquista do México e Peru, independência dos Estados Unidos, são os tópicos do ensino usual na história moderna.

E' verdade que a falha principal está na ausência da "história contemporânea" quer da Europa quer da América.

Este defeito vai sendo corrigido nos últimos programas, diariamente.

Uma das boas qualidades do livro de Oliveira Lima consiste exatamente na larga parte concentrada à história contemporânea (de págs. 514 a 711), circunstância que por si só não bastaria para recomendar o livro, se faltasse, que não faltam, outros méritos intrínsecos.

E' preciso dizer que história universal não é a história de todos os povos, mas é a soma de todas as crônicas, mas apenas, não é pouco, o curso da própria civilização, a história dos povos que contribuiram sucessivamente para a caudal a par a corrente invencível da cultura humana.

Se isso é verdade, a história exhaustiva dos "povos americanos" em cada adianta, e constitui uma tautologia estéril. Em todos eles, "mutatis mutandis", as mesmas eventualidades necessárias: o índio em extinção, o catequista e o colono em conflito, a escravidão, a administração insignificante a equilibrar excessos e egoísmos dos conquistadores; os fatos de maior valor são repercussões da política geral europeia, isto é, as invasões e represálias estrangeiras.

A história americana, latina, começa com a independência que se torna eficiente com a repescagem da propriedade napoleônica e as mesmas eventualidades necessárias: o índio em extinção, o catequista e o colono em conflito, a escravidão, a administração insignificante a equilibrar excessos e egoísmos dos conquistadores; as invasões e represálias estrangeiras.

A história da América latina data da sua emancipação e só agora entra no conceito da história universal.

Na primeira reforma dos estudos secundários no Brasil, na República, extinguiu-se, em substituição da história descritiva, a história da civilização.

Mas, a segunda é impossível e absurda sem a primeira; não é razoável fazer como que as generalizações precedam a análise, nem tão pouco é de eficiência didática sacrificar o estudo dos fatos em proveito de idéias geral sem apoio na memória e na inteligência.

Praticamente, a reforma não deu resultados em parte alguma do mundo onde se voltou a estudar a história descritiva, deixando-se a história da civilização, a "Kulturgeschichte" — para as faculdades superiores de letras que já pressupõem o conhecimento das narrativas históricas.

A "História da Civilização" — serve para ilustrar os estudos inferiores, dar-lhes um sentido mais amplo, em geral controverso, mas sempre sugestivo.

Aqui, no Brasil, há trinta anos foram adotadas as livras de história da civilização de Seignobos, Crozat, e pouco proveito se tirou dessa inovação.

Não é possível começar pelo fim, momente quando o fim não é muito luminoso nem evidente, e fala quase sempre ao arbitrio dos "raisonneurs" da história.

O império fundado por Bismarck parecia de grande solidez, mas não durou cinquenta anos e nem sequer a "unidade" ficou salva. Os principais democráticos de Wilson triplicaram e dilataram para o norte os Balkans divididos em minúsculas nacionalidades hereditárias e incomunicáveis.

Teoricamente lido tendo a recompor-se ou a desaparecer na pulverização instável e incômoda.

Outros dirão o contrário; e é da diversidade das fileiras da história que se encontra o pouco de utilidade das sinteses históri-

cas, sempre apresentadas, infelizmente contestabilíssimas.

Por isso mesmo, a língua é a única possível e a de narrativa fato, onde os obcecados e certeiros não são potentes.

Aos homens cultos é impreciso razão sobre esses fragm. nos.

Por nós a parte, aconselha a "História da Civilização" como livro de leitura, comutar para para os que já perdeu a velha história narrativa ou critica — "Cum grano salis".

E tanto mais sensatamente rezemos quanto venho nele e levo uma parte razão, fatos narrativos, essenciais, frequentemente, dispensando o xilão dos compêndios.

O livro é ornado de numerosas gravuras e mapas, bem intencionados, como costumam ser as produções da casa Weisflog, São Paulo, digno, pleno, do amante mestre.

(Imparcial, 13-8-1917)

III

A MORTE DE OLIVEIRA LIMA

Nada tenho de novo a comentar no que já disseram os historiadores sobre esse grande evento da nossa história.

O Brasil era sempre em parte a sua preocupação principal, e o "leit motive" de todos os ritmos da sua vida.

A diplomacia desgostosa, engrangueu-lhe inimigos na própria terra, mas esse desprazer nunca lhe turbava o coração e nem poderia superá-lo em aconselhar a perdição de denunciar a pátria que ele passou a amar silenciosamente, no campo da história, na admiração retrospectiva dos homens que param e ainda de outros personagens amados continuou a viver de longe para não sentir asperções elémeras do momento.

Eu fui e continuei a ser um dos seus inícios amigos, e delle dei testemunhos repetidos da lealdade e cavalheirismo.

O barão do Rio Branco a quem não pode o Brasil reconhecer um tempo algum o preste dos serviços prestados, não quis reconhecer o valor de Oliveira Lima. Não era certamente, por inveja que assim procedia, mas por inconsciência de suportar a crítica e a censura ainda mesmo respeitosa.

O grande ministro era igualmente um homem pequenino pelos seus rancores pessoais, como o excessivo e às vezes escandaloso nas suas proteções a um ou outro favorito.

Isso não é segredo para ninguém.

Entendia o barão que a diplomacia militar devia ser um exército disciplinado e obediente como se fora uma primitiva companhia de cavalaria.

Obedecer, "perinde ac cadavere".

Oliveira Lima foi um insigne, e como era jornalista, ou por ser um sujeito indiscutível, inconveniente. E talvez o fôr. Daí a surda rixa e a má vontade que privaram a nossa representação externa de um espírito honesto e superior.

Aquele rancor — nascido que provocava a política do barão — era injustamente dilatado e estendido aos inimigos do Itamarati, aos sucessores do ministro e até aos seus governos.

Quemava Tavares por punir de Helena.

A própria Academia, se não descreveu, foi por que a sua subserviência ao grande ministro.

E tanto assim foi que recusou ceder à missão de inaugurar os "Estudos brasileiros" da Faculdade de Letras de Lisboa.

Já então o espírito de Branco se havia desvanecido, houve por esse tempo a sua inaprevedível infidelidade, fazê-lo voltar à carreira militar, honestamente encarregado e exercendo por toda parte onde o encarregado.

Concentrando todo o seu amor

OLIVEIRA LIMA - JOÃO RIBEIRO

no Brasil e nos costumes brasileiros, tendo a universidade católica de Lisboa, com a sua riquíssima biblioteca, um dos maiores valores intelectuais do verdadeiro patriarcado.

Assim, pois, ate o último momento vivendo-se a noite, fazia este grande serviço à pátria que lhe correspondia secretaria, apesar do esquecimento e o silêncio das esferas políticas, que achavam a admirar imbecilidade de espírito e mais espírito a educação dos seus amigos.

Por isso Oliveira Lima desejava aos sobrinhos e parentes o apoio e o estímulo, levando em conta a sua dura.

Estado de São Paulo —

Marcos — 1928.

IV

O MIGUEL NO TRONO? (1)

Naquela noite Sátila que certos amigos debatiam dentro de si mesmos se o rei, antes de falar, teria uma ideia, Some men have only a hunch in them others a hunch.

Olivera Lima tinha em si uma profunda e rica erudição de matemática e de matemática e ciências, seria pausadamente que se mostrasse com encantos que não temos como aí está a memória de todos os cultos da "Década de 1847" e da "Marta Távora" al. de todo foi dia de mala humor, sem falar em fúria, em teatro e polêmicas, mais ou menos pesadas.

Sua alegria era enorme, nadava e nadava; no entanto, não estranhou mais poderia esquecer a sua terra nem o seu terrão nascido, e de conseguiram um livro dos mais preciosos que escrevera na história da Permanente data de 1834) e morrer ficou a biblioteca brasileira que com sacrifícios formou Universidade Católica de Washington.

Sua dignidade foi um dos vultos mais notáveis de seu tempo, tanto na América e na Europa, afirmando a maioria de um ou outro grande mestre, eritudo ou inopinado.

Olivera Lima tinha as nossas características uma escravidão dura. "S. Paulo — Weissbach" e o magnífico "Formation historique de la nationalité brevetée", que embora escrita em francês, é de uma tradução esplêndida de um publicista notável — Carlos Pereyra) e um dos melhores livros que produziu a forma de conferências na Sorbona.

A bibliografia do nosso autor é considerável.

Agora aparece o livro postumo que trabalhou nos últimos dias da sua vida tão prematuramente cortada, quando lhe eram necessárias ainda as suas forças intelectuais.

O livro "D. Miguel no trono" (1828-1833) é de maior interesse para os portugueses do que para o Brasil. Todavia, indiretamente nos interessa pela parte que nos acontecimentos tomou o nosso 1.º imperador. D. Pedro I, antes e depois da abdicação, principalmente. D. Pedro não quis nunca deixar de reunir as suas coroas de Portugal e do Brasil e o seu melhor argumento era o da legitimidade. Destarte abdicou na favor D. Maria a coroa portuguesa e com armas na mão foi defender os direitos da jovem rainha. O sucessor era ainda garantido pelas classes liberais do imperador, que defendia o constitucionalismo contra o absolutismo despótico. Contudo, Portugal acomodava-se ao absolutismo na maioria do povo, do clero, dos frades e dos jesuítas.

O partida da carta era e foi a princípio muito reduzido, mas idéias europeias, a revolução de

30 na Praga, enfim o constitucionalismo europeu, significavam atrações de liberdade, incompatíveis com o regime absolutista.

O Portugal absolutista tinha a seu favor a França e a displicência das Unidades Unidas, que por princípio reverenciava o governo de resto, sem embargo das formulações liberais das monarquias europeias, que desde o Congresso de Viena, tiveram merecidos ambições.

A consolidação, que parecia envolver uma solução, a esse caso, era o reinado da rainha D. Maria com a seu de Dom Miguel. Afinal, nella força ou não suportou, o constitucionalismo d. Pedro IV (ex-Pedro II) triunfou e de qualquer modo restabeleceu a paz.

Olivera Lima fez a história das lutas diplomáticas nesse período, e sem dúvida a erudição era não podia resolver a questão, e não passava de testemunha popular eficiente e sempre extensiva, quando se tratava pela acuidade da opinião pública, acurada e precisa, de alegria e amargura, de alegria e amargura, contra a tirania do adalidário.

Jornal do Brasil — 22-2-1931

V

O CATALOGO DA BIBLIOTECA DE OLIVEIRA LIMA (2)

Sabese-se que Oliveira Lima doou à Universidade Católica, de Washington, a preciosíssima coleção de livros que, em mais de quarenta mil volumes havia pacientemente formado com o saber e a erudição bibliográfica que lhe são proprios e com o fino gosto literário de seu espírito.

Dessa vultosa coleção aparece aqui apenas o catálogo arranjado dos livros de grande raridade e, por vezes, de notável beleza, do exemplar.

A cada número junta-se uma descrição erudita e completa, que abrangeu, sumariamente, 208 volumes de apurada coleção.

Em grande parte, talvez a maior, os livros recentemente saídos de interesse maior ou menor dire-

to para a história do Brasil. Mas, muitas numerosas concernem a preciosidades bibliográficas da literatura, ou da história, como o "Flor Sanctorum", de Lisboa, 1513, o "Preste Joan", de Francisco Álvares, a "Cardórica" do Condestável (em gótico, 1554), as edições "principes" de Garcia Dorta, de Hans Staden, André Thevet, as "Rimas" de Camões (1598) e de F. Mendes Pinto, etc.

Tudo nos mostra a valia incomparável dessa preciosíssima acervo, agora em poder da biblioteca ibero-americana ("Ibero-American Library"), de Washington.

Como era, aliás, de esperar, Oliveira Lima dá nas suas eruditas anotações notícias exatas e cabais sobre cada livro e sobre o autor, constituinte, assim, esta seleção uma fonte segura de informações bibliográficas e literárias.

Entre as raridades da coleção há um dos poucos exemplares conhecidos do Baroque e as edições presumivelmente 4.ª (1597) e 5.ª (1600) das "Lusitanias", a primeira edição de J. de Lery (1578), além da curiosidade de uma primeira edição (desconhecida de Inocencio) das "Contos e histórias de proverbe", de Trancoso.

Por fim, pouco espaço me restaia se me quisesse referir aos numerosos mais importantes da "Coleção Oliveira Lima".

Ainda que esses livros não venham a pertencer ao Brasil, deviam-se bem qualificadas onde estão e não correm lá o risco da dispersão.

A "Biblioteca Ibero-americana" a mim amavel devoção devoendo um exemplar do catálogo, será, como é desde já, um dos principais depositários de informações da vida e da história da América.

Além disso publica a casa "Moses Bros.", de Londres, a partir de seu catálogo de livros em língua espanhola sobre a América, onde se encontraram várias preciosidades que vão perder a devida concentração que podem ter.

Em todo caso agradecemos a Moses Bros. o favor que lhe te-

mos merecido das suas valiosas catálogos.

Neste último verão que a parte do Brasil não é insignificante.

Jornal do Brasil — 7-12-1921

1 — Oliveira Lima — "D. Miguel no trono".

Das um prelado de Oliveira de Mendonça

— Oliveira — Imprensa da Universidade.

2 — Bibliographical and historical description

of the rare books in the "Oliveira Lima Collection" at the Catholic University of America, Washington, 1921.

— Biblioteca americana — Museu Brasileiro.

London.

ROCHA PITTA

(Continuação da pag. 135)
relacionando-as entre si, pertencendo-as com os gêneros da erudição nacional, as perspectivas históricas e as raras manifestações da cultura de que o país se serve do campo.

Critica histórica, preparamento, é inútil buscá-la, eis que verga no mais comum das rarações dentro desses trechos, na declamação sonora do encadreiro, ou na crônica metido meus floridas no resto, mas deuses telzes no assunto, puramente exímios como representações de marchas, bandas, festejos, etc., pelo que querer transferir para a gíria do mundo moderno — obviamente das betozas de sua natureza.

"Topos e ditos Literários Colônia Brasileira" — 1929-30 — F. A. Brockhaus — 1930.

BIBLIOGRAFIA DE OLIVEIRA LIMA

(Continuação da pag. 130)
"Quelhas da Encyclopédie" — 1826-1828 — S. Paulo, 1925.
— O Império Brasileiro, 1828-1829 — S. Paulo, 1928.
— D. Miguel no Trono (1828-1833), Coimbra, 1931.
— Memórias (Edições minhas remanescentes...), Rio, 1937.



Oliveira Lima, sentado, tendo à direita Nabuco e Górgio Aranha, atrás, de pé, avô Domicio da Gama e S. Górgio da Amaral.



Oliveira Lima
COMO SERVIR O REI
OLIVEIRA LIMA

...vou servir provisoriamente o rei que é mister que ele permaneça a seguir-me os amigos. Pensava talvez que é a morte iminente ser Secretário d'El-Rey? Os raios correm com velocidade e carregam muitas vezes tanto de fogo, nunca junto de amigas. Se quaisquer negociações se malograrem, por mais desastrosas presumindo a Sucessão contra esse possível destino, inviavelmente é de conselheiro infeliz e alegre negligente. Tanto em compensação, se é favorecido o resultado, arrecadas lisonjas que não merecem. El-Rei, quando, havia por bem ouvir o meu entanto pelo meu intercessor para solução do conflito a Esquadria, principalmente sua admiração da diplomata do vassalo no Rio, quando eu, apesar de ter feito muito de conformidade com as ordens recebidas de M., sempre me mostrou interesse voltado à nossa semelhança, voltando-me até a respeito ao Grado Dízimo de Menor.

Continuando a responder para reanimar uma natureza emborada, é mister mais do que bons intenções, bons novos e boas palavras. E mister também um elemento real e positivo.

o Secretário d'El-Rey.

Hora, pois a caligrafia de Oliveira Lima era quase indecifável. Quem olhasse às pressas numa folha de papel escrita do seu punho, supô-loia pertencente à correspondência de um zézere.

Recordando esse único encontro que tivemos na vida, veio-me igualmente à lembrança envolta em simpatia e gravida a sua figura singular. De altura acima do comum, era Oliveira Lima verdadeiramente dominado pela gordura. O busto enorme e oval era contido, em baixo, por uma cintura um amplo lençol de gordura que quase o duplicava, cobrindo-lhe a parte superior da abertura da camisa. Olhava esse rosto claro, uns olhos grandes e saudosos, e a boca dupla de sobre a qual desculhava duas guias do bigode escuro e negro. Arqueado sobre os lóbulos, esse bigode parecia mais as duas asas de um passaro pequeno que lhe tivesse entrado pelo nariz.

O que mais impressionava nela era, todavia, a obesidância. Encolhendo-se do pescoço ao umbigo a abertura da camisa era como uma rampa, que talvez possivelmente uns novecentos centímetros de extensão, para abranciá-lo o ventre, só o ventre, seriam necessários dois lençóis de braços abertos. Devia pesar 110 ou 120 quilos. Toda essa gordura parecia porém desaparecer, tornando-se inapreensível quando ele se movia ou falava. O espírito era forte, uma espécie de energia elétrica mobilizando um concreto.

E esse couraçado acaba de cair, se em ocasião que tem dias brancos de profundidade, e que é o ventre da terra, no qual se verificam, aliás, os mais desastrosos naufrágios do mundo...»

"HETAIROS" E "PHILOS" -- Gilberto Freyre

Ninguém está livre de ser na vida um aborrecimento para aqueles amigos que acham de tudo amar, nas amizades que procuram, o esforço, o favor, o prestígio.

Oliveira Lima nasceu com a sinal de aborrecer e desapontar os amigos desse gênero, alguns dos quais devem ter dado graças a Deus quando ele decidiu exilar-se para sempre, com seus livros e seus quadros, em Washington. Que não aparecesse mais no Rio, no Recife ou em São Paulo, obrigando-nos a homenagens enteradas — banquetes e almoços caros no Assú, na Rotisserie ou no Internacional — não de ter pensado ele.

Vi na correspondência particular do autor de "Dom João VI no Brasil" muita coisa interessante como documento de amizade interessada; e ele próprio me referiu casos de amigos — ou de "camaradas" como diria o velho Antônio Rodrigues, fazendo assim com seu bom senso pitoresco de sertanejo tenua a mesma distinção que os gregos estabeleceram sobre o *philoi* (amigos) e os *hetairas* (camarada ou amante) — cuja amizade para com ele variava conforme seu prestígio. Principalmente conforme suas possibilidades de ser ministro do Exterior e o prestígio de Oliveira Lima variou muito, dada a sua independência em face do barão do Rio Branco, do general Pacheco Machado, da Igreja, do Panamericanismo, do "Jornal do Brasil", do "Correio da Manhã", da Academia de Letras, da própria República de 32, a qual serviu sempre no exterior e em absoluta lealdade de brasileiro, mas cuja substituição lhe pedia desejável e até urgente.

Eu estava na casa de exílio do antigo ministro do Brasil em Bruxelas, quando se suspirou que ele seria ministro das Relações Exteriores do presidente Washington Luís. Uma carta, creio que de Lourival Ferreira — bom e constante amigo de Oliveira Lima — tipo admirável de paulista velho; um desses cuja fidelidade se faz admirar e sentir mas nunca antecipar — transmite-lhe o assunto para o qual ignoro até hoje se

havia qualquer fundamento; mistério que o ar Washington Luís talvez possa agora esclarecer. O que sei é que em poucos dias a correspondência do Brasil para o grande exilado de Washington cresceu espantosamente. Fazia gusto ver enxaimal, a turma multíssima com que amigos ou camaradas na época desinteressados do ilustre casal de expatriados empenhavam-se em saber de sua saúde e em exaltar-lhe as virtudes, o caráter, a altitude. Até por meu intermédio começaram a chegar do Brasil e da Europa louvoras ao nascido dr. Johnson, que aquele sim é que era o homem para a pasta do Exterior; que morto Rio Branco e desaparecido Nabuco, só Oliveira Lima era capaz de dar relevo ao Itamarati; que era tempo de reparar-se a injustiça que lhe fizera o Senado da República ministrado pelo Pinheiro e pelo Azevedo; que nenhum homem público brasileiro tinha uma esposa igual à d. Flora — tão inteligente, tão fina, tão fidalgia — para completá-la na direção direção do Itamarati.

Murchou o boato e a correspondência do Brasil para Oliveira Lima também se reduziu. E meses depois d. Flora me disse filosoficamente que não fora o primeiro caso de infiltração na correspondência do Lima. Infiltração seguida de depressa.

Eram frequentes as épocas de rarissimas cartas do Brasil e essas raras cartas — as das amigos certos — às vezes cheias de informações sobre amigos incertos — hetairas, naturalmente e não *philoi* — que mesmo protegidos pela distância se mostravam aborrecedoras com o nada confortável Oliveira Lima: era um cabecudo que deixava mal os camaradas no Rio, em Pernambuco, em São Paulo e nos postos diplomáticos. Cabecudo só, não inconveniente e às vezes até graciosos, aspero, sempre a trocar de assuntos irritantes nos seus artigos. D'uma feita, em artigo para o "Estado de São Paulo", escrevera certa inconveniência que aborrecia o tribuno arquivado Arcosverde. Já desagradara ao bardo numerosas vezes. Era



Um grupo de acadêmicos, feito por ocasião de uma das visitas de Oliveira Lima no Rio de Janeiro. No segundo plano, Oliveira Lima e Saldanha da Gama, o Barão de Itamarati. Vêm-se, em ordem: Carlos de Lacerda, Silveira Neves, Sousa Bandeira, Afonso Peixoto, Alberto de Oliveira, Lafayette Pereira (1º), Almeida César, Cecília Nata, Pedro Lessa e Augusto de Lima.

TRES CÊNAS DE "O

CENA VII

EL-REI A M. GUIMARÃES

El-Rei

Compreendendo perfeitamente que as grárias, a favorável dessa intenção chegarão a fazer brotar um resultado de afeição de um coração tão retratário ao amor como o seu.

A. de Gusmão.

O amor de V. M. e dos amigos do Estado é testemunha de fato e meu coração para outros sentimento fraternos.

El-Rei

Como te não aconselha fazer-lhe a corte? Envolve-la para honrar a tua lar tristeza?

A. de Gusmão.

V. M. pode escrever e colher. Um escrivão da justiça pode escrever, mas tem de ser acusado. A Guinémao nas palavras é pequena, mas na realidade é intensa.

El-Rei

Ah! ah! não fez ainda acho de? Dei entre tanto em balda certa? E tu contas ainda com as surpresas do futuro? O moço podia ser inconstante... é próprio da idade, e no sexo também... e os favores agora dispensados falharão nisso dessa empatia.

A. de Gusmão.

Nunca fiz o cálculo que V. M. imerecidamente me atribuiu, concedendo-nas essa importância à minha alegria.

El-Rei

Serás tu quanto es sagaz.

A. de Gusmão.

Merce de Deus para servir a V. M. A Juquia permitiu-me, como V. M. já havia por bem determinado, assim tu a tua fortuna de ser provecto a fama ou seja por mim, e por isso deixa-me desvanecer.

El-Rei

Contudo, e é a tua, porque te aprecio e possuo, como poucas, a minha estima.

A. de Gusmão.

Faltam-me as expressões para agradecer a V. M. com fervor que iria quase bastante a meu enigma de gratidão, as bondosas palavras que accio de ter a dita de ouvir. Essas induzem-me contudo a acreditar num ato que mais realçara, se passavel e alto nem que V. M. goza de monarca magnânimo.

El-Rei

Voltas a falar no jardim para D. Fernando?

A. de Gusmão.

Sem querer tu nem de muito leve de encontro ao jardim ressuscitamento de V. M. no perdão, sim

El-Rei

Conheces esse mistério?

A. de Gusmão.

Desse entrem, Real Senhor, e direi entrem possuir eu o bicho caldeira amazônia.

El-Rei

Tem alguma mercê alem da presente, e da exaltação de tuas qualidades?

A. de Gusmão.

Tua talento e diligência... tudo quanto é necessário para tornar-te um servidor prestissimo da Coroa.

El-Rei

Se de ti dependesse, empregá-lo-las então?

A. de Gusmão.

Comumente Real Senhor,

El-Rei

Onde? Em que?

A. de Gusmão.

V. M. melhor ou que ninguém conhece as exigências do seu serviço.

El-Rei

Dá-lhe-las colocações na corte ou no estrangeiro?

A. de Gusmão.

Em qualquer parte D. Fernando honrará o nome português.

El-Rei

Por que?

A. de Gusmão.

Porque D. Fernando é dum natural um tanto violento e, enquanto os anos não fizerem estirar essa vingança própria da juventude, eu por mim recraria pô-lo em contacto com homens de Estado estrangeiros, prontos algumas vezes a esquecer deveres de cortesia internacionais. D. Fernando não é homem para talzar o menor insulto. Por isso mesmo está sofrendo.

El-Rei

Um homem, já vijo, da espécie que mais me agrada. Por acaso tueto eu a mais insignificante guerra do respeito que o meu reino é devido?

A. de Gusmão.

V. M. é suficientemente conhecido como sustentador sem par do prestígio nacional... mas a diplomacia faila a sua missão quando não evita os rompimentos, embora defendendo o decoro, o qual se não zela somente com bravatas, senão com habilidade e transpicção.

El-Rei

Queres com isso dizer que te agradaría mais ver D. Fernando na corte... Talvez julgues convenientemente encaminha-lo com o teu parecer nos primeiros passos da sua carreira pública?

A. de Gusmão.

V. M. faz-me envaldecer com acreditar que es-

tou no caso de se enselhar alguém, a não ser, perde-me V. M. a referência, numa mesa de jogo, onde de resto perco sempre e os meus palpites só aos outros aprovaram. Se preferia conservar D. Fernando no país, é porque considero o seu caráter mais apropriado para lidar com os da terra... V. M. no entanto esta formulando conjectura, nem se lhe brinca mais, na cidadela do seu pensamento, que se trata de um criminoso escondido a perseguição da justiça e autor de um delito impiedoso!

El-Rei

Tenho bem presentes todas as circunstâncias do caso, e se me ocupo assim no futuro de D. Fernando, é porque o coração fui de novo em mim mais alto que a razão e esqueci encantado a solução de acceder as tuas preces e as da tua gentil prometida e não deixar sem destino uma capacidade que te soube despistar tamanho interesse.

A. de Gusmão.

V. M. é o melhor como e o mais glorioso dos monarcas da Cristandade.

El-Rei

O que properias para ele? Um cargo em Lisboa ou na província?

A. de Gusmão.

Não me compete a escolha, Real Senhor.

El-Rei

Se para ela te dou poder...

A. de Gusmão.

Não vejo em verdade razões que polejem em favor de uma nem contra a outra.

El-Rei

Mas não te delectaria ter perto tão bons amigos teus?

A. de Gusmão.

Sigo por norma antepôr as quinhelas satisfações pessoais as conveniências do serviço real.

El-Rei

Neste caso, como te agradaría o ultramar?

A. de Gusmão.

Muito, Real Senhor e já que V. M. a aponta aresclarecer que considero essa a mala acerada decisão.

El-Rei

Falso sincero? A. de Gusmão.

Como timbro constantemente em dirigir-me a V. M. Por mais que me empâm em favor do ultramar de D. Fernando, jamais esqueço a sua falta, e penso que simultaneamente com uma manifestação tão admirável da sua clementia, seria conveniente dar V. M. uma prova do seu desagrado, não guardando na cória o fidalgo culposo,

El-Rei

Não receias que degredado... embora num cargo elevado... para uma terra inhóspita, tenha de deixar em Lisboa a sua desposada? Não seria cruel separá-los logo depois da união?

A. de Gusmão.

Não dou o nome de degredo a ir defender e promover o desenvolvimento de uma das reais capitâncias da África ou do Brasil, e num velho motivo para trair que o não acompanhe a senhora d. Luz. Ama-o demais para isso.

El-Rei

Escolhe então uma das piores capitâncias do teu Brasil para ir governá-la D. Fernando.

A. de Gusmão.

A de Goiás está vaga, Real Senhor. E muito longe da costa, mas de clima agradável e salubre.

El-Rei

Ha muitas minas por lá, não é verdade?

A. de Gusmão.

Minas e minérios afora muitos índios bravos, uma população tola selvagem com a qual terá de haver-se a energia do meu recomendado.

El-Rei

E tão descuidadamente consentes que seja excluída para tão desgraçada terra a formosura de D. Luz?

A. de Gusmão.

Qualquer terra que tenha a dila de pertencer aos domínios de V. M. não pode ser considerada desgraçada, e não pode haver dever mais delitável para um sujeito do que tratar de adiantá-las e torná-las todas igualmente dignas de um tão paternal soberano.

El-Rei

Pois bem, será como mostras apetecer. Deves conhecer o asilo de D. Fernando; vai sem demora ter com ele enquanto recebo o senhor embaixador da Grã-Bretanha, que tem audiência marcada para agora... negócio inopinado e o que parece importante... e conduz o delinquente a minha presença. Avia-lhe pois tempo de ir depois ao aniversário da canonização de São Camilo Lelis, a qual tive a felicidade de obter da Sua Santidade. Será uma festa magnifica... Ja de ordem para adiar-se o despacho... De passagem, manda preparar o título nomeando D. Fernando da Cunha capitão-general da minha capitânia de Goiás, no Brasil.

A. de Gusmão.

Obedeço com o jubilo de ver V. M. praticar um um novo ato de generosidade e de sabedoria (Beija a mão d'El-Rei e sei dissero em voz baixa): Deus é testemunha de que "não enganal El-Rei. El-Rei e que se enganou.

CENA VIII

EL-REI, ADRIANO

Este Guinémao é por vezes impenetrável. Estou quase certo de que gosta de D. Luz, tenho até uma vaga lembrança de que andou há tempos suspirando por uma dama que cerrara os ouvidos aos seus desenxabidos, porque o pobre não possue grande feito para gall... mas de que a queria na corte depois de casada, começo a não estar tão seguro. Parecia falar com tanta franqueza quando

indicou a capitânia de Goiás como um posto tão para D. Fernando e aderiu com tanto alusão resolução de assim degradá-lo... Com que eridade foi baseá-lo... Quem sabe, ludico rei, se não piorrebu que me não era indicante pariga e quis de propósito afastá-la da corte vez realizada o enlace... neste caso, fui eu porque a rapariga é tentadora, e eu não dava alimentar minhas esperanças de deslumbrar Divirjo porém do meu grande irmão de F. S. M. Luís XIV, ao que relataram os despiados embalhadores do reino, requestrou a menina Vallière quando solteira, impedindo-a de o seu prometido... Achou isso muito inombrável. As relações não tecem experiência para resistir as sedes do amor... As casadas, quando abatem a riva, sabem o que fazem, e geralmente porque... O pecado do sedutor não existe quando sua tarefa foi pequenissima. Nossa Senhora. Dores me perdão estes pensamentos de me a colera divina... Mas não, estou raciocinando. Gusmão, ao contrário, pretendia vislumbrar o oferecimento diplomático que teria logo se quisesse arredar o casal. Só disse, sim ao oferecimento do ultramar e falei num mais longínquo, barbáro dos meus domínios, encobrir seus designios e provocar minha cunha da generosidade, que ele sabe quanto val... quando se a não importuna e se apresenta em menos. O processo já tem sido usado com êxito ele próprio e pelos outros que me rodeiam: quantos donos não se acham exposto um rei, e quem poderá fiar-se?... Peguei-lhe contudo, lavra, e receberá deste modo o castigo da sua traição. Para que persistir em fingir aqüidão quando no ultimo desejava tão somente a reunião dos seus amigos na corte?... Se eu conseguisse certeza de que D. Luz é dama por quem Guinémao apaixonado... não me restaria então de que o finório pretendente fizesse tal num maldilha, propondo o cargo pouco desejável de mil para alegrar outro melhor, e em Portugal. Os namorados são cegos, e ele não percebeu que veria concorrência de escagar...

CENA IX

EL-REI, UM PAGEM

Padre

Sua Excelência o sr. embaixador da Inglaterra aguarda que Su Magestad se digne recebê-lo.

El-Rei

Dais assim guarda a criminosos de lesa-majestade, milord?

Lord Tawdry

Para que não poderei ser arguo de proteger o crime, fiz justamente o embaixador passar o borgo e o enigma, e só logo raias entreigou-me o mil, um gabineteiro a um amigo.

El-Rei

A el posso cometer isso, já se na corte do seu soberano, que é proverbial.

A. de Gusmão

Consideres eventualmente o próprio delito de tua misteriosa cunha, e não podendo prever o pronto se manifestaria a tal clemência...

El-Rei

E que amor tão grande é esse que o não tem, desertando cobardemente a sua posta que por causa dele moveu Deus e Terra e que lhe concretiza o coração d'El-Rei, não podendo implorar o perdão do culpado, desvendando sem receio o nome qualificado apenas suspeito, e a ultima não desanimava? Por Nossa Senhora Conceição, milord, que não merece vossa satisfação! Ihe é tão interior em cogama e peranga! João Brux encantado chega à porta e...

Lord Tawdry

E V. M. me permite uma reflexão, direi que cando sobre vós a responsabilidade do tal que de D. Fernando, não posso sem continuamente acha-lo perfeitamente digno da afecção de Luz, poucos fidalgos conhecendo aliás que o é em bravura e cavalheirismo.

A. de Gusmão voltando

V. M. acostum como sempre, quando estranho que tão brioso gentilhomem se equívasse a um dos seus díveres. El-lo de volta da sua excursão, barra. Pelas alturas de Cascões forçou os lados a deixá-lo regressar para terra, passando por um barco de pescador. Em terra conseguiu cavalo, e veio a todo galope mirar o belo rosto, sua amada para não estalar de saudades e rebentar as réguas maldas a sua patente de capitão-general de Goiás, que lenho a subida honra de meter à assinatura de V. M.

Ai está quem podera informar-me, e não peitare a razão. E' o tio de D. Luz e há de ser ao fato de tudo. Se o que Gusmão ambiionou simplesmente embarcar-lhe o caminho, esta no tempo de sustar a nomeação de D. Fernando e dar-lhe outra colocação... na minha...

(Para o pagem).

Que entre o sr. embaixador (o pagem) e logo ergue de novo o reposteiro.

CENA X

EL-REI, LORD TIRAWLEY

El-Rei

E sempre com prazer que vos recebo, milord. A vossa vinda para Portugal está ligada com um aio do bom amado de S. M. Britânia que nunca poderei esquecer... a chegada da formosa embaixada do almirante Norris para aliar-se à Portugal, e na guerra então iminente com a nação vizinha por motivo da disputa entre essa feliz solução vos amei accidentalmente ante-ontem, numa das salas deste Paço.

Lord Tirawley

Já vive essa ocasião de congratular-me com

SECRETÁRIO" DE EL REI - Oliveira Lima

V. M. por assim ver assegurada a paz sem sacrifício da honra de qualquer das duas potências. O príncipe Real Senhor, nem sempre porém é pernante a aliança de ontem espera o meu soberano levemente renová-la, para este fim ordenando de recolher o parecer de V. M. e a aliança de ontem espera o meu soberano assim.

Lord Trawley

O Rei da Grã-Bretanha despachou há três vinte e seis dos seus navios para auxiliar naval em seu justo desforço, e conta que V. M. prestaria auxílio correspondente no rompimento se prenunciada entre Ele e El-Rei d'Espanha.

El-Rei

Por que motivo este recurso à guerra?

Lord Trawley

O governo espanhol queria-se, sem razão, de extremos contrabando nas suas possessões americanas, e por seu lado queria-se o governo inglês, com razão, de que o comércio dos seus navios é injustamente tratado, sendo vexado e molido nos portos da Espanha... A ocasião é grande para V. M. vingar passadas afrontas precisamente romper os alustres de paz que compuseram. Demais, ajudando a abater o reino da Espanha, interceptando os seus galeões América, Portugal colherá lucros positivos, estirará o seu tráfico, valorizará o seu ouro, aumentará a sua riqueza. V. M. tudo tem a ganhar e destruir do país vizinho, inimigo natural do reino.

El-Rei

Não temos presentemente nenhuma objecção a lavar em sangue, que os meus súditos resto estão sempre dispostos a derramar em proveito do seu brio. A guerra nos condições mencionadas é exclusivamente de interesse mercantil, ex-somente respeito às potências em desacordo, que título poderia o meu reino entrar justificadamente em tal contenda?

Lord Trawley

A título de antigo aliado e constante amigo.

El-Rei

Não basta para justificar a sua quebra de neutralidade. Sabes perfeitamente, my lord, a quantas custas conduz uma luta armada, a destruição de milhares de homens, e não me parece razoável suportar os meus súditos a consequências tão funestas. O intuito é promover os ganhos do traidor e nosso, às custas do país vizinho. Além disso, o rei português, muito sobrecorregido, mal podendo neste momento fazer face sem grande sacrifício a despesas enormes de uma guerra.

Lord Trawley

V. M. recebe tanto auxílio do Brasil. Não há cerca tão opulento em toda a Cristandade.

El-Rei

As exigências da religião consomem muito o ouro. É mister agradecer à Divina Providência benefícios sem par com que nos favorece. Três anos apenas que terminaram de todos os males do mosteiro de Mafra, mediante o qual quis dizer graças ao Altíssimo, por ter garantido a vitória direta destes reinos, e avalias quanto

"Hetairos" e "Philos" -- Gilberto Freyre

mal visto pelo Azedo, Brigara com o Nabuco, Brigara com o Capistrano, Irritara o Epitácio. Fizeram restrições ao arrebatamento de Olinda. Como podia ser alguém amigado de pessoas brigantes e tão metida a independente e a superior?

Quanquanto, em fins de 1926, visitei o casal em Washington. Phra me disse: "Veja se consegue o Lima a car um passado pelo Brasil". Já o boato sobre o comitê para o Itamarati surrupiou inteiramente. E eram poucas as cartas que lhe devolviam de Rio, de São Paulo, de Pernambuco de amigos, a se rogar com ternuras epistolares pelo corpo do bom e gordo gigante.

Felicí a Oliveira Lima: "e se fossemos todos ao Brasil, por um mês ou dois?". Ele me olhou com aqueles seus olhos justos, que às vezes se pareciam de lutador tão bravo e de ironista tão terrível. E me explicou: "Não, não vou. Como ministro do Exterior era possível que fosse. Só para me matar as saudades, que aliás são grandes, não. Mesmo porque havia muita gente. V. sabe aqueles amigos desapontados...". E acrescentou mais ou menos isto: "Não há como os amigos desapontados, amigos que nos zunham já num posto ou numa situação de prestígio, da qual naturalmente se beneficiariam para se transformarem em nossos inimigos em quase-inimigos quando se convençam que era tudo ilusão. Se eu fosse agora ao Rio e à Pernambuco teria que contar com a irritação franca ou dissimulada dessa espécie de amicos". E claro que se referia aos hetairos e não aos philos, que os teve Oliveira Lima e dos melhores no Brasil e em todo o mundo: os Enceldas da Cunha, os Branner, os conde de Soberon, os Lorrain Ferreira, os Clément de Grandpré, os Prestage. Apenas os philos nunca são tão numerosos na vida de ninguém, nem nos momentos de aparenteza de prestígio dos homens da marca de Oliveira Lima, com os hetairos. E o ilustre historiador distinguia uns dos outros.

O Oliveira Lima ouvi também que não havia de dar aos filhos "amigos desapontados" do Rio ou do Recife — desapontados com seu fracasso, com seu ilaco, com sua carreira malograda — o gosto de se reconciliarem com "o amigo incomodado" — que era ele — indo ao seu enterro: um enterro a que seria uma elegância moral comparecer. E fez questão de que a viúva prometesse fazê-lo enterrá-lo em Washington, sob as árvores tranquilas de Mount Olivet. "Nada de viagens póstumas", dizia frequentemente no fim da vida o diplomata que viajara tanto e conhecera tantos e tão estranhos recantos da natureza. Inclusive a natureza humana.

"O Jornal" — 15-11-942.

custaram? Cento e setenta milhões de cruzados, que certamente não depõr, pois preferi vê-los empregados em engrandecer o culto divino a serem malbaratados na destruição de vidas humanas. Comunicai de minha parte a S. M. Jorge II que, como amigo, desejaria dissuadi-lo de prender essa nova guerra, indo nisto de encontro ao interesse da minha coroa, a qual só convém o maior abastecimento da Espanha. Por mais que prezasse a nossa aliança, ser-me-ia impossível ajudá-lo num conflito que em nada dia diretamente respeito a Portugal, posto que dele igualmente tivessemos vantagens a retirar. Devo aos meus súditos extremos de pão, e as quantias que se despendem no apresto de uma armada como a que seria necessária para honrar as glórias tradicionais marítimas de Portugal, ainda realadas, graças a Deus, durante o meu reinado com os louros obtidos no Cabo Matapan, prefiro aplicá-las ao aqueduto monumental com o qual ficaria amplamente abastecidas d'água as minhas cidades de Lisboa.

Lord Trawley

Lamento que V. M. não jugue poder prestar ao meu soberano e seu clérigo concurso, com o qual Ele de antemão contava, quando está ainda tão fresca a recordação do apoio que V. M. há poucos minutos se dignava lembrar.

El-Rei

As circunstâncias são diversas, my lord. Se se tratasse de um ataque contra El-Rei da Grã-Bretanha, de uma desfeita que fosse, não me escusaria a auxiliá-la. Tomar a ofensiva, porém é-me vedado pelas considerações que vos acabo de expor. Fazê-lo a deixa justa a simpatia que pela vossa pátria nutre meu secretário Gusmão. Pois bem, vou encarregá-lo de escrever-me um parecer sobre a proposta política do meu Augusto Irmão Jorge II, e vereis como ele opina... se é que as atribulações do coração o não irritaram ao ponto de bemizar da guerra como de um bálsamo aos seus males.

Lord Trawley

O julgo do sr. Alexandre de Gusmão é sempre

lícido e digno de agasalhar o seu Rei, mesmo se o preconçam, isto que ignoro, despeito a mim.

El-Rei

...Pois não percebeste ainda quanto sofre por essa sobrinha Da, Luis de Moncayo?

Lord Trawley

Doença crônica que não mora, infelizmente, aquela já tão respiroada. Há dois anos ou mais que se desfazia. Outro foi mais recente.

El-Rei

Mais a dor que o punge. Quando um mortal é desprezado por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, como é caso vulgar dentro dos cristãos, consola-se mais facilmente. Ninguém pode se contentar a vontade de Deus, que fala nas vozes respiroadas... mas ser vencido por outro mortal, e ninguém que deseja alegria muita. O afeto considera-se-me sór de júbilo quando se vence o inimigo. Trás até cara de moribundo.

CENA XI

Os Mesmos, A. de Gusmão.

El-Rei

Onde está, o teu recomendado? Podas ir-te aí para entrar... (Olhando para Lord Trawley). Estaria em casa.

A. de Gusmão

Vanglorio-me de poder quase sempre responder às perguntas de V. M. de um modo cabal e satisfatório; porém de vez em quando tenho dificuldade de capacitar-me de quanto é limitado o conhecimento humano.

El-Rei

O que queres dizer com isso? Não encontraras D. Fernando? Como desapareceu?

A. de Gusmão

Desaparecer é o termo. Rei Senhor, como um mestre. De que modo, elas o que ignorarei.

El-Rei

E ninguém sabe o rumo que tomou?

Lord Trawley

Possso prestar a tal respeito informações a V.



Oliveira Lima, em companhia do Embaixador Americano, na Inspectoria de Imigrantes da Ilha das Flores. (Foto feita no Rio, em 1913, e publicada no "Ilustração Brasileira", de 10 de julho desse ano).



Oliveira Lima, quando ministro em Bruxelas, discursando em nome da Academia Brasileira, diante do monumento a Camões.

Palavras que enganam o tradutor de inglês -- Miss Hull

Continuamos hoje a publicação das "Catchy Cognate or Deceptive Doubts", admirável trabalho de autoria de Miss Hull, a professora catedrática de Língua e Literatura da Universidade do Brasil.

Em nossa próxima edição publicaremos a parte final deste trabalho, que tanto interesse tem despertado entre os nossos leitores.

95 — notorious: Infamous, well known in bad sense. / P. Infame, vil.

notório: Sabido ou conhecido de todos. / E. Well-known, famous.

96 — novel: Noun? Fictitious narrative; Adj. new. / P. Novel? Romance;

Adj. novo: In新颖的, bisonho. / E. A new, a beginner.

note: Pequeno romance; conto. / E. Short story; tale.

note: Bois de fin enrolada. / E. Skein.

97 — obnoxious: Objectionable offensive. / P. Agressivo, insuportável.

obnoxious: Servil; fúnebre, infâstico. / E. Servile; fawning; fatal.

98 — obsequious: Fawning, servile. / P. Bajoulo, adulício.

obsequious: Servicial; prestativo. / E. Obliging.

office: Place for transacting business. / P. Escritório, secretaria.

officer: Profissão; cargo; ocupação; missa. / P. Trade, craft; post; divine service, mass.

offices: Intervenção. / E. Service, offices.

offensive: Medlosome, intrusive. / P. Intrusivo, intrusivo.

of office: Servical, prestativo. / E. Obliging, accommodation.

101 — oration: Prayer. / P. Discursso.

oration: Razo, apelação; Proposição gramatical. / E. Prayer; clause.

parent: Father or mother. / P. Pai ou mãe, parote: Indivíduo da mesma família. / E. Relation.

103 — parent: Head, colloquial. / P. Cabeça.

parent: Avi aquática. / E. Duck.

104 — pavement: Paviment, at roadside made of blocks. / P. Calçada.

pavimento: Andar de um edifício sobrado. / E. Storey, floor.

105 — phrase: Group of words; mode of expression; idiomata or pithy expression. / P. Locução adjectival ou adverbial; idiomato.

M., para o que peu respeitosamente venia. D. Fernando da Cunha val neste momento barra tora a bordo do brigue *Lacy*, com destino a Plymouth.

El-Rei

Quem o fez escapar-se?

Lord Trawley

Aconselhou-o tu a que procurasse com uma temporária ausência na Inglaterra, ou em França junto a seu tio, o esquecimento do delito cometido.

El-Rei

Onde estava refugiado?

Lord Trawley

Na embaixada britânica Real Senhor.

CENA II

Os mesmos. D. FERNANDO. D. LUZ

El-Rei

Mais devagar, mestre Gusmão. O delito anterior estava indiciado, e palavra de Rei não volta atrás. Mas sobre a nova falta ainda não falamos. (Para D. Fernando.) Porque pensaste em retirar-te do reino?

D. Fernando.

Para não comprometer mais os que tão dedicadamente se empinhavam por garantir-me a liberdade, e em semelhante intuito já haviam enviado não poucos esforços.

El-Rei

Porque te decidiste a voltar?

D. Fernando

Porque atacou-me o receio de que pudesse ser taxada de nínia pusilanimidade a minha retirada, e sobretudo porque a conciência protestava que onde não houve intenção, não há crime. Feri Sua Altera como teria ferido qualquer fidalgio que me provocasse e com o qual cruzasse a espada, afim de proteger a minha dignidade.

El-Rei

Pundonorosas palavras mancebo, parem que encerram o grave defeito de serem subversivas. As rixas entre fidalgios são lastimáveis; todavia desculpáveis; mas diante de pessoas de sangue real devem abrandar-se todas as culpas, apagá-las, e os ressentimentos. O ferro, mesmo a espada do gentilhomem desafiado, deve calar-lhe a infâmia das mãos, pois que se trata dos escolhidos da Providência para guiar os povos nas verdades mundanas. Sem o máximo respeito para com o trono e todo quanto o cerca, sem o culto da autoridade divina delevara aos soberanos para fins temporais a sociedade humana entra em grandíssimo perigo de corromper-se a perder-se. Os monarcas que assim não pensam e obram consontane, correm o risco de ter o trágico fim do vosso Carlos I, milord.

Lord Trawley, baixo, para A. de Gusmão

Até agora Julgava que S. M. Carlos I tinha acabado tão ingloriosamente por pensar e obrar de mal modo como El-Rei indica.

IV

frase: Conjunto de palavras formando sentido complexo. / E. Sentence.

106 — place: Spot, position, station. / P. Lugar.

praça: Lugar público, largo. / E. Square.

107 — plant: Small member of vegetal kingdom. / P. Planta.

planta: Denominação genérica de qualquer vegetal; projeção horizontal de edifício ou cidade; sola do pé. / E. Plant; plan; sole.

108 — plantation: Estate, of sugar, coffee, etc. / P. Fazenda.

plantação: Ato de plantar; cultura; terrreno plantado de árvores. / E. Planting.

109 — precise: Accurate, exact. / P. Certo, correto, pontual.

preciso: Necessário; exato. / E. Necessary; exactly.

110 — presently: Soon, in a short time. / P. Daí a pouco.

presentemente: Atualmente, hoje em dia. / E. Nowadays.

111 — press: Clash, throng; printing; newspapers. / P. Turba; Imprensa; jornais.

pressa: Urgência; rapidez. / E. Haste, hurry; speed.

112 — pretend: Simulate, feign. / P. fingir, simular.

pretender: Aspirar a; exigir. / E. Aspire to; claim.

113 — prevention: Hindrance. / P. Ato de impedir.

prevenção: Opinião hostil infundada. / E. Pre-judge.

114 — procure: Obtain, get. / P. Obter, conseguir, ganhar.

procure: Esforçar-se por achar; dirigir-se a. / E. Seek, search.

115 — promoter: Founder of joint-stock company, often fraudulent. / P. Capitalista organizador de sociedades comerciais.

promotor: Defensor da lei no tribunal; aquele que promove. / E. public prosecutor.

116 — puntual: Strictly early, punctual. / P. Punctual.

punctual: Concluído; rápido; disposto. / E. Ready; quick.

117 — pupil: Schoolchild, scholar. / P. Aluno, discípulo.

pupilo: Menor orfão perante a lei a cargo de tutor; educando. / E. Ward.

118 — quarter: 1/4th. Part; district, locality of city. / P. Quarta parte; bairro; quarteirão; Gruno de casas formando quadrilongo. / E. Block.

A. de Gusmão

Diferenças de educação. El-Rei não aprendeu história pelos mesmos livros que vós.

El-Rei, para D. Fernando.

O teu crime foi de precipitação; não agiste de encontro pensado e por isso esquece tudo. Não esqueças de tua parte o quanto ficas devendo à tua nobreza; foi de uma dedicação inexcedível.

D. Fernando

Conheço felizmente o valor do tesouro com que quis Deus favorecer-me, e juro a V. M. que hei de estorná-lo de acordo com o que vale.

El-Rei, para D. Luz

E vós também não escollhestes mal. As docuras do amor impediram, espero, que achais em extremo distante e deserto o lugar que para D. Fernando escolheu vossa amigo Gusmão.

D. Luz

Nenhum lugar é solitário ou inclemente quando se está perto do ser querido e no serviço d'El-Rei. Demais, diz o sr. Gusmão que o Brasil é uma terra linda.

El-Rei

Vejo que vos está pegando a doença. Creio que por vontade dele mudava a minha corte para São Sebastião do Rio de Janeiro, como si a dinastia portuguesa pudesse já jamais abandonar o trono e soltar dos seus males.

Lord Trawley.

E' tão afortunado Portugal que V. M. ficaria sempre com esse recurso se o reino d'Espanha lo-grasse novamente poder e ambição, para obstar ao que solicita o meu Augusto Soberano a cooperação d'este reino.

El-Rei

Portugal não procura guerras, mas não se arreia de inimigo algum, milord, que venha atacá-lo, por mais furor que seja. Conta com a proteção de Deus e da Sua Mãe Santíssima. Para defender a sua independência, o velho reino de Afonso Henriques lutaria como um leão. Ninguém para isso nos excede em recursos.

A. de Guzman

Contanto que continuam a chover o ouro e diamantes das minas, e para que assim sucede é que tomam a liberdade de lembrar a V. M. utilizar o espírito energico e empoderedor do sr. D. Fernando da Cunha.

El-Rei

Dá-me a patiente. (Voi à mesa e assente-a.) Embocai na primeira fruta a sair para o Brasil, e sede amboi feijões por lá. El-Rei recorda-se e galardão sempre os serviços prestados a coroa. Ao alcance dos meus fidalgos encontram-se dous solhos de vice-rei.

D. Luz

Tratarrei de merecer um deles, Real Senhor.

D. Luz

Deus abençoe V. M.

119 — quarters: Lodgings for troops; Lodgings available in general. / P. Alojamento.

quartel: Edifício em que se alojam tropas. (fig.) intervalo. / E. Barracks

120 — realize: Apprehend, conceive. / P. Pensar como real; fazer-se uma idéia.

realizar: Pôr em prática; efetuar. / E. Carry out; achieve.

121 — record: Noun) Fest outdoor all predecessors; Verb) Register put in writing. / P. Procurar ainda não realizada. Verbo Registrar; assentir.

recordar: Lembrar; rever. / E. Remember, revise, review, recorde; The same as the noun in English.

122 — recur: Occur again, be repeated. / P. Reaparecer-se; acontecer de novo.

recorrer: Apelar; percorrer. / E. Resort to, have recourse to.

123 — relation: Narration; connection; correspondence. / P. Narração; conexão.

relação: Ato de referir; descrição; lista; analogia. / E. Reference; description; list; analogy.

124 — Relations: persons connected by blood or marriage. / P. Parentes.

relações: Conhecimentos e convivência sociais ou comerciais. / E. Set circle, intercourse.

125 — relax: Grow or make less tense or rigid; abate. / P. Abrandar; afrouxar.

relaxar: Tornar fraco; não se incomodar; perverter. / E. Slacken; neglect.

126 — relieve: Succour; alleviate. / P. Aliviar; socorrer.

relevar: Tornar saliente; dar relevo a; abalar de. / E. Stress; emphasize; excuse.

127 — render: Give in return, hand over, deliver up; melt fat. / P. Entregar; derrotar.

render: Submit; produzir. / E. Surrender, produce.

128 — rent: Tenants' payment for use of house or land; her charges. / P. Aluguel.

renda: Toedo feito com flo de linko; rendimento de propriedades. / E. Lien; income.

129 — sanity: Mental health, wholesome mind-edness. / P. O perfeito uso da razão.

sanidade: Salubridade; higiene. / E. Sanabriousness.

130 — scandal: Malicious gossip, calumny. / P. Malícia, bisbilhotice.

escândalo: Mal procedimento tornado público; tumulto, barulho. / E. Fuss,闹事。

El-Rei, retrando-se

Na balança do arcanjo São Miguel o prato das minhas boas obras devia ter hoje desequilibrado muito.

CENA XIII

Os Mesmos, menos El-Rei.

A. de Gusmão

Segui depressa o conselho d'El-Rei... Uma vez por ano os da truz... Cassal-vos sem demora... Frei Bernardo se encarregará d'isso e bem lhe deveis essa contribuição para o seu pé de alitar... e parti. E' fato que escolhi Goiás. Foi muito longe de Lisboa, e os coros da corte não são dos melhores... tenho experiência própria. La direi dilatar o peito, encher os pulmões, respirar livres, em paz, na plena selva virgem, ao abrigo das tentações políticas e dos enredos das tertúlias. Nada há de melhor para a alma do que essas imersões na natureza. Retemperem-lhe o vigor, purificam-lhe a subtenâcia... Vereis se vos enxano, se existe nada mais belo do que aquela terra de encantos. Tudo ali é formoso, e grande. As colinas são montanhas, as árvores gigantes, os rios mares, os campos solidões ou antes oasis sem fin. Dá gosto viver debaixo d'aquele céu azul, n'aquela atmosfera transparente, sobre aquela solo privilegiado... Carece-me todavia nas terras novas de muita coragem para arcar com as dificuldades, muita tenacidade para resistir aos contratempos. Tendes uma a conta que igualmente a outra, D. Fernando. A vida exclusivamente militar, as lutas pernadas e cruéis pelos tesouros da terra outrrossim estimularam a brutalidade, desvolveram paixões menos nobres. Para diminuir aquela e transmutar estas confio especialmente na vossa influência. D. Luz, na irradiação da vossa graça e da vossa doutra, que há de operar maravilhas... Não levais a mal o madrigal, meu anelgo... E' o d'oi despedida!

D. Fernando

Trabalhar pelo progresso do Brasil será o único meio de corresponder à vossa generosa estima e mostrar quanto nos lembraremos de vós e com quantas saudades.

D. Luz

Como arradeço a Deus o ter aproximado dos caracteres tão excelentes e feitos para entender-se!

Lord Trawley

Não esqueçam n'essas etiúses o nome d'El-Rei, que se portou como um grande gentleman.

A. de Gusmão

A história varia segundo o ponto de vista de quem escreve. El-Rei foi ótimo, não há dúvida, posto que um bocadinho contra vontade, ou indep. Independente da vontade. Nem por isso merece menos encômios. Visto estar n'essa miséria ser péssimo. O segredo da vida é um, recorda-vos sempre; agitar, aí circunstâncias, numa desespero, e levar a cousas... a tir, mesmo quando elas sia de fazer-nos chorar!

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA NA RUA DONA EMERENCIANA -- Marques Rebelo

Como era dia de pagamento no Tesouro chegou em casa mais cedo que de costume; não eram ainda duas horas batidas no estreitado relógio do nariz, cuja pancadas lentas soavam como um ranger de terra velhas. O pintaságio debatava a curiosidade de siapé, desarranjo os embrulhos em cima da mesa alta, recolhendo um aço precipitado de moesas, dobrava o jornal com cuidado, obedecendo as suas dobras naturais e escovava chapéu, preto e surgiu, quando dona Veva, presentando-o, perentou da cozinha:

— Você recebeu, Jerome?

Bereci, filha, respondeu pendurando o teto na cabide de bambu japonês, que aliviava o calor da sala, por causa dum traçado, tacaramente enombrada, rete sentindo o interior dum salmão marinho em atividade na grande guerra.

— E trouxe?... —

— Menos o pé de trigo da Júp por que me esqueci do número.

Trinta e sete e de Boraibus só lhe se eu esquecer outra vez seu enigma de aço!... Olha que era já faltou entregar-lhe a escola por não ter sapato. A professora só mandou saber por uma eleição se ela estava doente.

Não havia meio de querer tomar iniciativa. A galinha caronha me temporou clemente. Dona Veva se estocava avassalada no trono e o duálhimo de Fátima a bairraria nos cilindros.

Tinha a mão faz, memória, que você se conta?

Sou dona Veva, administrava a justiça!

— Olha o caso, seu Manoel, então passarinho de paixão cheio, meu caro?

Dona Veva virou-se:

— E... Vamos, adoro?

— Não deixava não tinha, sempre no Pachêco meus, todos e qualquer.

Dona Veva entrelace com o negro, treze e quinze!... Até a torpeza foda para levar a marra. Sua fofoca, picareando no fundo da alegra, trovava os supostos célebres culminos de cada com ancora bordadas.

— Pode bolar o café?

A Fátima saiu que nem foguetes para ir buscar o cafézinho.

— E' preciso passar a seu Salomão sem falta, condeno dona Veva. Ela já veio ontem, que era o dia anterior, em pés descalços, que você não tinha recebido ainda o pagamento andava estranho -- por causa

dos feriados, explicou -- e marquei para passar hoje. Tudo em nome de avião. Piz mal?

— Não, Veva, quanto é?

Assim de cabeça nô sei, meu filho, só fazendo as contas. Espera um pouquinho que eu já vou ver.

Ensinou as mãos asperas no piano de pratas muito encardido, guardou a louça no bufe, empurrado com papel de seda verde e recortado, ele acavalou o Pimente azinhoto no marfim brilhante, e ajeitaram à mesa com o caderito das drogas, exatamente quando a Fátima voltava com o pão, sucula e esforrada.

Seu Azevedo, vizinho, um bom homem, de tardinha, indistintas dentes e palio de pitaia listrado, vinga com a Linda e a Ninita, as pequenas, sotar a freca, — dicas-lhe o que descerem, não há como os suburbanos para uma boa freca! — comentar a Esquerda com seu Jerome dar dois dedos de prosa com a comadre, perguntar nela entrecincheda, sempre da mesma maneira: e como vai a titia? — porque era ela uma tia velhinha e norátilha, que seu Jerome abrigava e protegida muitos cuidados. Mas, se ele era bom, era irreductível a respeito dos políticos, "todos eles uns grandessíssimos piratas".

— Uma calamidade, meu compadre, é o que eu lhe digo, uma calamidade. Tudo perdido. Sim, perdido! Não tem que estranhar a expressão. Que é feita da dignidade? E a sua honestidade? Leia os jornais, veja, e me responda! Não ha mais brio, não há mais nadar! Uma catena de ladriões! So ladriões! E os políticos? Ah! Ah! Ah! Nunca mais assisti só Lampião como presidente. Jerome Lampião, ouviu só Lampião!

Fazia vermelha e ofegante Vinha do morro, saltando de casinhas e de ruas e sorrir, uma brisa iluminava que tirava a cara-dura dum último currafa escondido no colorido vio duncs acela imperial! Seu Jerome ria. Clá! Clá! Clá! — risada pálida quase longa-curta, clá! clá! clá! afinal a sua risada. A cinarra parou. Diamônio a brisa. Dois nomes domésticos pouparam no telhado. As metâncias estavam prestando atenção no rapaz que passava, de la para ca, no portão da avenida, sumindo e lancando olhares furtivos.

— Para mim é o leiro, com cara de alemão, que nos seguiu domingo ate aqui quando saímos da matiné, falou barba! Ninita, desfarcando.

— Sera? fez a mitra, dividindo, qual o one. O outro bateu a cara rhumada e não andava assim.

— E' porque você não prestou atenção.

— Be papai desconfia...

— Bôba.

O pai declinava a pouca vergonha na Recreadora. "Pois não sabia?" Seu Jerome conhecia por ali a encrência do Martin, o que fazia verso, desvairava cerca de vinte contos. Não sabe da missa a metade, meu caro! Eu sei, eu sei. Relatou, tum-tum por um trunfo, o caso do desafalto, os nomes dos comprometidos, as intrigas, as costas-quentes dos protestados, o churrasco dos capachos negando tudo.

Dona Veva chegou à janelas, cabelo cortado, envelhido e mal tratado, a falta de dentes abrindo-lhe no queixo curto uma ruga funda, impressionada, um tanto, com a demora da Judith, que tinha ido à cidade levar uma encomenda de bordados. So se madame Kristen estava em casa e ela ficou esperando...

Mãos nos bolos de calça, abrindo no meio da calcadinha as pernas esguias e escuras, seu Azevedo, dirigiu-se a ela:

— E' nós que sofremos. Nos...

Dona Veva se espantou: Nós? Ora essa! Perguntou a perguntar. Mas seu Azevedo fechando a cara fez seguir:

— E' triste, muito triste... e entrou a falar com abundância, com ódio, com rancor, do estado do colégio que o punha pequenos e pisados — pisados, sim senhora, é a expressão: pisados — pelos grandes, na esperança, sem oportunidades, sem direito a um destino, merro fantoches nas mãos bilares dos oussários, favorecidos.

— Bon tarde, vizinhos!... Dona Pequettia, casinha de novo, cumprimentou, muito-measureira, apertando no alpendre, com sua caixa de costuras bordando o marido, aproveitar ainda mais um pouco a luz do sol que se ia.

Responderam, e seu Azevedo resumiu com maledicência, talvez com bondade, acariciando o bigode;

— Este mundo é uma bala, dona Veva. Este mundo é um circo...

Dona Veva, esfolando os cotovelos na janelas, não ouviu bem (a voz do seu Azevedo era rouca) e ficou, com vergonha de perguntar, sem saber se o mundo era uma bala ou se era um circo. Então mudou de assunto perguntando se dona Maria andava melhor de reumatismo com a receipta do espírito. Seu Azevedo tinha aquele defeito: gostava de falar em doença. Pegou no reumatismo da mulher — até agora nada de melhorias, comadre, enium... — e não parou mais.

C I R C O D E

Isabel, Beatriz dos olhos cor de mel, e Lilo e Silvana na infância infantil dos amores, desenram com Dodo e dois coelhos.

Sem, com coelhos! Chegaram numa costa de tempos em certa desgraça e torno de desmoronar, quando houve de ser deles. Isso só eu me lembro e não era no Anhanguera, mas, entre os ramos do tombar os primeiros tapetes mordidos.

— Só de vez — disse seu Manoel, chacareiro, subversivo, o que me trazia.

Isabel, Beatriz — mordava, suspendendo-nas peludas penas do meu lençol por lambeus naturalmente, levantando-a por um dedo e certo de que era o correto de se pegar coelhos.

Agüei os olhos, jamais houve coelhos tão queridos fofinhos que eu os achava, brancos, peludos, olhos vermelhos, orelhas rosas — dois amores!

Manoel, visto isto, era um mestre de brincadeiras e mais bairros novos, quebra-cabeças, trapinadas na chácara que subia até o morro, barulhentas correrias nas salas vazias do porão habitável, nem eu podia acreditar que outra fosse a finalidade das crianças. Foram elas aquelas alvinassinas poncotas, que me fizeram vir, sim, do mundo desprotegido das folhudas, um outro mundo maior, que o colégio desenrolava aos outros meninos — o das obrigações. E' que a escola para mim, era seiva. Lemava as férias, poucas as aulas no pavilhão aberto das meninas, que assistia quando bem queria. Nas meninas inteligentes de o Juiz, mordedor, paciente, os métodos modernos duvidavam nares-enxas. E havia, sobretudo, a ordem expressa de tutti, que "não passarem" por mim. Foram elas, repita-se, que me trouxeram a noção das primeiras obrigações, mas longe de me rebellar contra elas, com que amor a albergaria a elas me entreguei! "Esta na hora de bolar água para os coelhos" — e catacunha nelelho tenta a força de me impedir. Penteava-as, castava-as, levava-as a passear no jardim, rastejava, se roscava, que no reino das flores era a paixão de tutti; recusava ao Tatinho passoas dominicanas no automóvel de seu pai, um Benz, ficava com elas, movia fontes dos meus mesquinhos cuidados. Um escravo, um escravo, confessou, riçou das suas necessidades, pequeninos tiranos inerentes.

Não só de tiranos, também de sábios aventureiraram chamar-las aquí (adivinhe-se la sua tanta branura quantos secretos traziam), tanto assim que não deixaram para o mundo das obrigações a sacie de revelações que a mim, naturalmente, se propagaram e trouxeram-me o amor.

Amei-as com a ternura dum namorado. Entrava-as de curiosas. As meus sôfregos abraços desabava a chuva de protestos de tutti: "Vou, um dia seca, matando estes bichos de tanto os expremer". Cobria-as

de beijos, decaia em-me nos cantos solidários da casa, borrasca e das horas, em intermitentes conversas com elas, responde-lhes coisas como se mias perturbadoras. Perdi a tranquilidade, deixei de distinguir-las, fui-nas num mero exílio, um coelhão maior que todos os coelhos juntas vistos, quase do meu Tumantim, vivendo como peixe, faltando e rindo como gente, vestindo-se à marinheira como eu.

Vivei com o arisco o sequito das suas dores. Que de turmentos, tortas da minha infância, você, autorizou bisbilhetes, foram a causa! Amava-as demais para não sofrer com o meu amor. O ciúme fez a sua estréia no meu coração e, fico, me consumiu. Também não era para menos: tinha um rival, e de que forças, anjos do céu — ríval terribel. Silvino, molequinho dois anos mais velho do que eu, que lá Buzica tamara para criar com três dias apenas, por morte da mãe, preta que, fisicamente, me servido, gastava sem usura a mocidade.

Se na casa eu tinha prestígio do santo, ele mantinha o tempo, de que se servia com sucesso, principalmente entre a cridiagem — Isso se deu antes de o ar, ter vindo pra ca — diziam-me quando se falava de acontecimentos passados. — O Silvino é que sabe tudo direitinho. Realmente sabia e, olhando-me de lado, um sorriso zombeteiro que mal se percebia, contava, timidamente, detalhado, superílio, polo não ignorava que assim fazendo me humilhava. Era o antízio, não se podia negar — aproveitava-se disso. Defendia-se intruso, afinal, o intruso que era eu, finório e humaníssimo Silvino.

Terrible rival, astuto como possam sé-las os maiores, rival das oportunidades esquivas, como me lembro dele, sávia, os olhos bisbilhoteiros, a cara redonda de mico, carapinhas muito rente, a expertise dos trejeitos gatos, a dentadura soberba de fortaleza e altura.

Deu-lhe o presente do chacareiro. Por que não ganhara também? Que fizera eu para merecer-lo? Ele, sim, teria direito. Ajudava o Manoel na chácara, carregando estrume no carrinho de mola, varrendo a estufa das benjamins, levando-lhe a comida, rogando-lhe as plantas, auxiliando-o na podação sistemática das "ficus benjamina", lapume verde e compacto que defendia o terreno dos outros devassadores da vizinhança. Era justo. E fora eu que recebera o presente, eu, grande patife o Manoel, miserável chácara, "quando tinha raiva de porquinhos não era ato". So porque eu era o sobrinho, só! Ah! não ganhara? Que importa? Saberia disputar a mim o ato dos bichos. Saberia e soube. Se, por exemplo, eu tivesse dava alface, via a substituta logo pela que corria a buscar, pois que somente ele conhecia, na horta que não lhe guardava segredos, o canteiro em que viejavam as folhas mais frescas, os grelos mais tenros.

Na luta aberta, tomava o meu partido; eram meus, não eram? Pois então, tome, bacurau beijola, e trazemos no colo, dia e noite, não contentando que ele tocasse com um dedo. "Visse com os olhos!" Atacava-as na sua frente para lhe fazer purraca: — Meus amiguinhos. Que elas sofria, sofria, mas não se dava por nefasto e sorria-m-e: — Dia virá pensava.

A paciência foi premiada e o dia veio, negro, dia em que tive de ir para o colégio, um colégio direitinho, sério, rigoroso, com horários a que não podia fugir, pois, como dizia lá Buzica, já estava um marmanjo era preciso entrar feio e forte no estudo para ser gente da vida. Como padecer, Deus o save. Intermináveis aulas de "seu" Silva, que ensinava tudo, menos ginástica, explicando sempre, aborrecidamente, numa loção, o que iria tomar na outra, Gramática, geografia, que importava saber verbos e substantivos, se o mundo era redondo ou quadrado, que me importava, se o meu mundo eram os meus coelhos! "Seu" Silva falava alto, eu, porém, não o ouvia; meu pensamento mergulhava na dúvida cruel: que estará fazendo o Silvino com os meus coelhos? Devorava com os olhos impacientes o implacável relógio do corredor, infinito corredor sonoro, com dez janelas para o recreio, pista de atletica onde os bedéis se exercitavam, surgindo inesperadamente os porta das classes, surpreendendo os desprevenidos alunos faltosos. Que estava fazendo? E os porteiros não andavam. Perdia-me no labirinto das conjecturas: estará carinhando os coelhos, levando-os para pastar no quintal? Das problemáticas suposições, "seu" Silva me despertava:

— De que é que estou tratando, "seu" Francisco?

— Não sabia. Ganhava castigos.

Em casa, mal chegando, sacola para um lado, um beijo apressado em Uila, e corría a vê-las.

A branura dos pelos não guardava a marca das prelas más odadas. Os olhos vermelhos nadavam denunciavam. Batia-lhes, ciumento, furioso, Amedrontavam-se, queriam fugir, orelhas caídas, eu os abraçava, quase chorando com loucura.

No serão da sala de jantar, tutti tricotando, eu preso aos deveres nussados para fazer em casa, era ele, o bandido, que puxava o assunto para me ferir.

— Eu hoje, — sabe, "seu" Francisco? — ful com os seus coelhos ate a padaria.

Eu me mordia:

— E'

Silvino via que a chaga estava aberta, sanrrando, e renegava-se mais, deliciando-se com a minha agonia.

— Tá bom, vou até lembra-lo ver se eles estão direitinhos — e saia de vagar, empurrando as mãos nos bolsos, um engar de vingança satisfeita no canto da boca.

Meu desespero chegava ao auge. Um pouco mais e estourava. A caneta da mão nervosa fazia uma letra

CONTEMPORÂNEA - 2.ª Série - Antologia da Prosa - XI - Marques Rebelo

— Enfez duma colra? arregalou os olhos de tal
que a comadre foi curvada a dizer o que não.
— Sim, aquele macaco, que vinha sempre comigo
pobre, não se lembrava.

Magro?

Sim, um que não levava o sobretudo, pôr da
tinha uma mímica muito arcanhada, que vinha os
brincar em Nuitá.

Ah!

Foi é. Não dura muito, o pobre, é o que lhe
faz me notar! Também... — balançava a cabeça
— E o Sózinho, consegue? Coitado!... Ja não
mais. Nem é pra mim: dás arrancos, um, um, um
arranjo — que corta o coração da gente! A arte-
lheira está adiantadíssima! Foi o médico mesmo
que disse, muito em particular, esta vista, me fui
procurar — Oh! — mas bem que eu estava vendo
muitos pedacos a filha, e ele só tem essa filha,
mulher morreu na espanhola, ótima criatura, e
era de mãe chela!! Sotinha, imagine, e para
Uma abraçada! Nem calcula o carinho com
que trata o pai! Sensibiliza.

maravilhosos, pertininos, os dois meninos da
pe-
sada, uma gente do Paraná, saíram para brin-
car.

Cuidado, hein? E nada de correrias, acone-
cendo, pondo serenidade na voz melosa.

— Azevedo deu um passo para o lado, desfranziu

os olhos.

Mas para mim é um caso perdido, infelizmente
não alma, o Sózinho... E olhe que é muito mais
do que ru. Em 85... Em 85, não, minto. Expe-
ditiva com o invader na boca fechada como
o silêncio. Em 86, quando eu estava moran-
do a Fazendas, o José Carlos Fazendas, você se
dele é Jerome?

risinho esboçado pelo Jerome era maldoso: Se
mistro! Patife...

Dona Véva ouvia. Padecia. Uma falta de ar, uma
dono no peito, como um peso que cada vez fosse
mais, uma falta de vontade, o corpo dolorido
e levantava as velas inchando dia a dia.

Venosa era um sacrifício, um vidrinho com trin-
quinhos, ela já contaria, treze e quinze para quem
e que se há de fazer se era preciso? Tomava-a
na hora do jantar para durar mais tempo. Era um
caso alem das promessas fervorosas a N. S. do
Socorro, pois tinha cinco crianças para criar,
e em quando ficava pensando numa sorte grande

menina, comprava bilhetes na mão do seu Pas-
teiro que já vendera milhas, salam brancos, se enchia
deundas melancolias. Por que não tirava? pergun-
ta a propria, suspirando, batendo roupa no tanque,

que o Alfredo com essa história de futebol suja cal-
ças que era um horror. Que teria eu feito a Deus para
que ele não me ajude? pensava. Ah, se tivesse tirado... Um final tão bonito, jacare, que é o pal dos
pobres... Não diria a ninguém, só ao Jerome, poria
tudo na Caixa Económica rendendo, nem um tostão
para ela; mas gozaria como se tivesse gasto todo:
estaria garantido o futuro dos filhos. Ja não lhe senti-
riam tanto a falta se morresse, pois assim o Jerome
teria com que educá-los, pondo-os internos num bom
colégio. Mas nada. Fazia planos menores quando vi-
nha o namorado da Juditinha, muito simples, muito
bonzinho e impagável, conversar, contar casos do escritó-
tório que matavam a namorada de tanto riso. Rogava
a Deus, envolvendo-nos mesmo olhar, que alia-
dasse a ele o seu emprego, para poder ganhar mais e
se casar logo. Não fazia mal que fossem tão crianças;
ele era muito amavel e muito esforçado, ela tinha
bastante juizo, sem luxos, muita caserna.

E Juditinha tardando.

Sentia-se cheia de sustos. Teria acontecido alguma
coisa? Estava o pescoco na esperança de vê-la dobrar
o portão. Pôr com o vestido vermelho de bolinhas. E
agora. Nada. Ele se mudou de Franco...

Seu Azevedo, falava ainda, virado para seu Je-
rome, dos sacramentos do Melo, o bexigoso, proprietário
da zona, que consultara todas as sumidades sem
que nenhuma lhe viesse dada volta.

A trapadeira boi-notte que se pendurava no muro,
menino derrotado, abria a medo as brancas flores sun-
gras. Já passara o "profeta", esquelético e diligente,
ascendendo as lampreias a gás, luz amortecida, amarela
e silvana, onde mariposas pardas vinham morrer. Ali
e acolá, no capinzal, que durante o dia era batido pelos
mosquitos, procura de focos, brilhavam, por
um instante, luces azuis de vagalumes e a Maria He-
loisa, a filha do dentista Guimarães, no piano, começava
a tocar a valsa do Págão para o noivo ouvir. Sur-
giu a lusa.

Vozes abafadas se misturavam, o cachorro late,
ralvoso, encarecido no chuveiro, cintila no céu alto
uma única estrela e faz frio: vai pouco além de cinco
horas e escurece, quase noite tão cedo, que o inverno
é chegado. Resmungando, o cocheiro, encartolado, a
sobrecessaca coberta de nódoas, fustigou os animais e
o entero partiu, entre o susurro dos curiosos que se
apinhavam no portão da vila, dois automóveis atrás
acompanhando.

Dona Véva não teve lágrimas para chorar. "Pa-
rece incrível, meu Deus!" e atirou-se alta na cadeira
austríaca, que roncou, ficou como anestesiada na sala
estreita, de janelas cerradas, cheirando a flores e a

cerú, pensando no seu Jerome, que se fora para sem-
pre, tão bom, tão seu amigo, nos seus últimos cuidados,
a voz quase imperceptível, se extinguindo: Véva, tanta
do montejo! — o montejo que deixara, crinto e
vinte e cinco mil réis, que o senhorio levaria todo, e
ainda faltaria.

Quem poderia ajudá-la agora? A Amélia, sua
irmã, casada com o dr. Graca, que estava tão bem? A
Forcinha que ficava viúva e sem filhos com a padaria
que lhe rendia um dinheirinho? Nem ao entero tinham
vindo. Nem uma simples flor mandaram para cumprir
que tanto lhes servira. Ah, meu Jerome!... La
estava ele, a sorrir em cima do porta-biblotas, entre um
anjinho de asa quebrada e um prato com racioneira
postais se desbotando. La estava ele a sorrir, no re-
trato. Junto dele — que felizes! — no dia do casamento.
Ele em pé de prato, o bigode retorcido, a mão
sobre o ombro dela, sentada, um grande buque contra
o peito, a saia branca, comprida, a lhe cobrir pacienta-
mente os peus.

Seu Azevedo que dera, infatigável, as providências
para o entero — o homenzinho da Santa Cosa tinha
sido um grosserão — e que mandara uma coroa de
mão em nome das meninas e da mulher de família
escolhida, com o choque, veio consolá-la, a voz mala-
rouca, comovido:

— Que a vida, a senhora sabe, dona Véva, era
assilo mesmo. A questão era não fraquejar, ter cora-
gem, ser forte. E sempre não o fôr? Ah, dona Véva,
é doloroso, é muitíssimo doloroso, dona Véva, e terrí-
vel, eu sinto, pode crer — e batia no peto rachado
palmas surdas — mas é preciso ter coragem! A
vida não se acaba pela morte dum soldado. A vida,
a guerra. Guerra, luta, vida... Seu Azevedo se
atravessou.

A paralítica, na sua cadeira de rodas, plantava no
meio da cozinha (estava se vendendo da sala) sacudida
pelos solcos como um molambinho esquecido, pensava
com heroísmo na tristeza do asilo, tendo um solo de
crianças, choramingando talvez sem saber porque,
pendurado nas suas saias, saias pretas, castas, que
escondiam umas pobres pernas sem vida.

A moça impertinente traçou dois volteios no ar
e seu Azevedo continuou:

— Ele se foi, é o nosso destino, comadre, uma
vontade suprema a que nada podemos opor, e como
era bom com Deus está. Mas não a deixou sozinha,
pense bem. E os filhinhos? E...

Dona Véva espantou os olhos gastos para seu
Azevedo, que emudeceu, e, quando pensou nos seus
cinco filhos, ai é que ela via mesmo que é tanta sem-
nha e de mãos para o céu começou a chorar.

(Continua).

COELHINHOS -- Marques Rebelo

— vez pior do que verdadeiramente era: pulava
lágrimas na cópia do "Correio", trinta e nove menos
quanto dava doze no problema das laranjas.

Malu plácido, ameno, malo das sinelas tocando
pela berço, pelo tombar das tardes, na capela do
A. S., malo treexe, na casa de Tita, além da muia
das canários, algumas tangerinas temporânea e um
infinito acontecimento: a morte de Silvino, atropelado
no caminhão do gelo, quando fôr a praça botar uma
carta no Correlo.

Não morreu logo. Velo berrando lancinantemente
nos braços de transeuntes solícitos, o caixeteiro da venda
à frente, abrindo caminho, gesticulando, explicando o
acidente.

A noite delirou, e o delírio fez o autor confessar de
uma infinitade de malandragens miudas, tijolos ne-
radas furtadas da dispensa, carretilhas de linha que
volum da cesta de costura, colherinhas de prata en-
terradas no terreno. Malo ainda fez aclarar o grande
estrado das rosas. E que durante meses diariamente
matriota juncado de pérolas o chão do rosal, sem
que nenhum vento noturno tivesse soprado, destrutor.
E o roscilar era fechado por altos muros, a repetição
do cotidiano do fato preocupava bastante tia Bizioca,
que já aceitava a suposição de d. Marocas. Silveira,
virita, que fosse obra de algum espírito salado e mis-
ericordioso. E era ele, Silvino, o vândalo das flores, que
não saiu de si que estranha volavia, lá, na calada
das madrugadas, pois acordava com os galos, oculta-
mente desfolhadas, sem que ninguém o apanhasse.

Tita chegou a ir com a inesperada descoberta:
— Ah, gibi sono, então era você, hein, seu pa-
drinhe.

Deixe ficar bom que vai ver só... ameaçou-o.

Ela ignorava a gravidade do acidente. Sobe-a no
outro dia, pela manhã, quando o raio X confirmou o
diagnóstico do seco dr. Gouveia, que abanava a cabeça:

— Nada, minha senhora, nada é possível fazer
alem do que está feito.

Só um milagre — fratura da bacia, interessando
seriamente a espinha... — só um milagre? — repetia
o nítido acento materialista.

— Mas, doutor... Ele atalhou, piedoso:

— Venha dar morfina para que sofra menos.

Tita, então, dedicou-se-lhe toda. Incansável, ex-
trema, dum lado para o outro, vê isto, vi aquilo, o
dinheiro velou-o quatro noites, sem pregar olho.

Na quinta noite seriam onze horas, a lâmpada
quebrada com um papel pardo, porque ele não suportava
o dr. Silvino despertou da pesada letargia que lhe
provocava a última injeção.

— Madrinha — sussurrrou.

— Que é? Estou aqui — e Tita, rápida, saiu da

sombra, donde encolhida num banquinho, ficara, insone-
ne, vigiando-o.

— Sel. Me dá a sua mão.

Deu-lhe e ele levou-a, dificilmente, aos lábios. Lá-
grimas escorreram-lhe dos olhos que foram tão redondos
e espertos e se mostravam naquele instante, tão esbu-
galhados e baços.

*...la o que voceem para ver
o que voceem para dizer. Na-
ci para a dizer. Sinto a
mordade de lágrima aliás ve-
nha, e. Todo que em excesso,
ou excesso, ou excesso, a
mucha perturbacão. Nada de si-
guer Tranquilo, os excessos pri-
meiros; nem haverá ponto de fô. O
excessos metade-se: dia e
lata, resgunda e a casa, miúdos
contra tudo contra todos.*

Marques Rebelo /

Fac-simile de um autógrafo de Marques Rebelo.

UMA POETISA DESCONHECIDA -- D. Gabriela de Andrada Dias - Mucio Lello

Na galeria das mulheres ilustres do Brasil, é preciso dar um lugar a D. Gabriela de Andrada, que foi casada com o poeta Teófilo Dias. Ela é uma figura suave e pudimosa, só a como a personagem de um romance de gênero e idílico.

Teófilo Dias era sobrinho de Gonçalves Dias e nascera no Maranhão em 1857. Filho de gente pauperizada, foi primeiramente para o Pará, com o pensamento de fazer-se empregado no comércio, ou, na melhor hipótese, iniciar a carreira das armas. Nem uma coisa teve outra. E deslhouvir tentar a vida no Rio. Aqui foi professor particular e depois obteve um pequeno lugar numa secretaria de Estado. Resoveu estudar Direito e partiu para São Paulo. Era ao que dípoem os seus contemporâneos: um homem singularíssimo, capaz de fazer uma viagem daqui para Santos levando como única bagagem a "Morte de Dom João", de Júlio de Andrade. Nada tinha de seu — muita vez não tentou sequer uma roupa para sair. As coisas porem lhe encantaram as vozes do céu. Não raro estava ele nas "repúblicas" com Fontoura Xavier. Mas

"cas" em que morava, ou em outras, onde moravam os amigos, sem possuir umas calças e um paletó para ir à rua... quando batia à porta um carrador levando todo um terno novo de presente para ele. Teófilo não indagava quem lhe tinha enviado o presente. Vestia a fantástica e misteriosamente chega- da, e lá para a Faculdade para a redação dos jornais em que trabalhava, para os botiques onde se encontrava com os amigos. E com isso que capacidade estranhissima de se inserir nos assuntos comuns! Lá ao ponto de esquecer o nome dos amigos mais chegados. Afonso Celso relata, por exemplo, certa vez indo Teófilo por uma rua em companhia de Assis Brasil, que era um dos seus amigos mais íntimos, encontrou um colega que Brasil não conhecia. Resolveu apresentá-lo; pois não houve maneira de se lembrar do nome do amigo.

Foi esse poeta, pobre e tão exquisito, que chegou a São Paulo para estudar Direito. A princípio foi morar numa "república" com Fontoura Xavier. Mas

em breve Fontoura Xavier, reprovado nos exames do curso anexo da Faculdade de Direito, deliberou regressar ao Rio. Ficava Teófilo sozinho. Que fizer?

Foi nessa apertura que o poeta encontrou um socorro providencial, na bondade do Conselheiro Martim Francisco. Este o levou para residir em sua casa. Estreitaram-se assim os laços de estima que prendiam o poeta à família do prestigioso político. Nasceu um grande amor entre Teófilo Dias e a filha primogênita de Martim Francisco, D. Gabriela. Casaram-se em 1830.

Do seu casamento houve dois filhos — Gabriela Margarida e Teófilo.

O namoro do poeta de 20 anos com a menina menina parece ter sido um romance do mais doce lírico. A gentil Gabriela dava ao seu namorado pobre e de condição obscura todas as demonstrações possíveis de carinho e de dedicação. Zelava por ele, não permitindo que ele esquecesse os seus deveres de amigo e filho. Como Teófilo tarda em escrever à mãe, ela traz a pena, senta-a à mesa, faz com que ele encha bem cheia uma folha de papel. Depois ela própria escreve, em "post-scriptum": — "Sra. D. Joana Angelica Dias de Mesquita. O sr. dr. Teófilo não queria escrever, mas uma irmãzinha nova que ele tanto pediu que viesse escrever. Gabriela de Andrada".

A apaixonada pelo moço como está, ela deseja transmitir a Dona Joana Angelica as informações exatas sobre sua própria família. Veja-se que encanto de tom meigo e ingênuo a carta em que, pela primeira vez, ela se dirige a mãe do seu poeta:

"Minha Senhora:

Tenho o prazer de responder a amável pergunta de V. Ex., fazendo-lhe a apresentação de todos os novos irmãos do sr. dr. Teófilo. Ele tem agora, além da sra. d. Maria José e do sr. Antônio, que é dele deixou em Maranhão, mais 8 que são filhos do conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada; o irmão mais velho destes novos que ele tem é o dr. Martim Francisco Júnior, advogado e deputado liberal pela província de São Paulo; o segundo é o estudante do 9º ano de engenharia Antônio Manuel Bueno de Andrada; o 3º é o estudante do 1º ano de direito: José Bonifácio Bueno de Andrada; das irmãs, a mais velha é esta sua criada que está lhe oferecendo esta carta, que se chama Gabriela Frederica Ribeiro de Andrada; a 2ª Ana Margarida Bueno de Andrada, e a 3ª Maria Flora Bueno de Andrada. Esta feita a apresentação. Agora passo a contar a V. Excia. que nós todos queremos muito

bem ao Sr. Teófilo e que matiné e papai o estimam tanto que eu às vezes tenho ciúme. Eu termino pedindo desculpas a V. Excia. de me animar de lhe escrever sobre o gosto de conhecê-la, mas faço isto porque quanto mais se grata ao coração de uma mãe saber que seu filho achou em terceira estranha pessoa que o estimam e o valorizam devidamente. Vossa Exceléncia disponha de quem não é um anjo, mas que estima muito a seu filho, e que com todo respeito se assista de V. Excia.

Amiga, criada e obrigada.

Gabriela de Andrada.

Essa menina se torna, de fato, o anjo suave da vida de Teófilo Dias. E quanta vez o protege nos seus esquecimentos das suas distrações, nas suas ausências! Mostremos um documento das mais curiosas nesse sentido. D. Maria José, a irmã de Teófilo Dias, escrevera a d. Gabriela — ainda sem conhecê-la — uma carta. Teófilo esqueceu o documento no Deus saberia onde, perdeu-o, como perderia qualquer outro. Afilito, recorreu a bondade da menina: que ela respondesse à carta que não lhe tinha chegado às mãos. Ela como d. Gabriela se desincumbiu da difícil tarefa:

"Minha prezada Manha,

Barbacena, 28 de agosto de 1880.

Seu mano está muito cernitioso: não me mandou entregar a carta que a Sra. teve a amabilidade de me escrever, e agora está seu saber como se há de haver e me pede que lhe responda!

Eu não sei o que a Sra. me disse: mas como naturalmente me disse coisas muito bonitas de todo o coração as agradeço, e peço-lhe desculpas de não ter respondido há mais tempo à sua carta (que não recebi). Peço-lhe também que por esta vez perdoe a seu irmão o grande crime que cometeu; e a Sra. crecrela na amizade de sua mana que já lhe quer muita bem, mesmo antes de a conhecer.

Apresento os meus respeitos ao ar. dr. Meaquita, e sou de todo o coração.

Sua mana e amiga

Gabriela de Andrada".

Sin: essa irmãzinha nova, essa que não é um anjo — vai ser de ora por diante o anjo meigo e vigilante, embalando de ternura a vida do pobre poeta. Por ela, pelo prestito da família dela, ele irá até a carreira política até a deputação. E quem quer que deseje estudar a vida de Teófilo Dias poderá deixar de dar um grande lugar em sua biografia, a companheira doce e encantadora que o destino lhe deu — d. Gabriela de Andrada.

P. — S.

Maria Eugénia Celso, que co-

nheceu d. Gabriela profundamente, faz-me ver que os sentimentos doces e suaves existiam empregados com referência àquele que foi esposo de Teófilo Dias. Acrescenta que a pressão que lhe fez o reconhecimento que teve de d. Gabriela foi, antes, a de uma hora energica e viva, triunfante e satisfeita — uma autentica



D. Gabriela de Andrada, uma reconstituição de Enrico

do irreverente Martim Francisco do Contribuindo, e do Valério. Aceita a observação de Maria Eugénia Celso, que diz que ela se prende às fases posteriores da vida de d. Gabriela. No momento em que a vira é o momento do seu ideal mocinha mal saída da adolescência: mocinha que está apelonada por um poeta lírico e pauperizado — a única impressão que ela me deixou foi a de fixar acima: a da magia e da docura e da suavidade.

NOTÍCIA SOBRE OLIVEIRA LIMA

(Continuação da pág. 12)

ção de sua biblioteca preencheu de assuntos brasileiros e americanos, e compôs, depois de cinquenta meses — biblioteca que deve à Universidade Católica.

Faleceu Oliveira Lima Washington, em 24 de maio de 1928, sendo substituído na Academia Brasileira por Alberto Paris.



Teófilo Dias, num desenho de Armando Pacheco

CIRCO DE COELHINHOS -- Marques Rebelo

largou-a bruscamente. A cabeça tombava para o lado da parede.

— Francisco! Alexandrina! Meu Deus! Uma vela. Todos correram. Tita já se encontrava ajoelhada. Calmos de joelhos também, rezando. A vela começou a arder, branca, muito branca, trêmula e brillante, na mão crônica do pequenino morto. Tita soluçava alto.

Tia Bizioca, olheiras roxas, marcadas, mais magra, mal acabada, no largo vestido preto, nadie poucou para o enterro. — Pobre Silvônio chorava pelos cantos, entre os abraços consolatórios das vizinhas. A casa se encheu, que o traziam, muito alegre, muito servicial, era estimado nas redondezas.

— Acabei de ir ao Inháuá, no primeiro taxi após o coche, levando no resto o prazer da novidade, através das ruas em que os homens se descobriam. Lá o deixei para sempre, na tarde tédia, opalina, sonriente, lá o deixei Roberto com rosas, com todas as rosas que o roseiral precioso de Tita ofereceu naquele

dia, rosas brancas, irmãs das que ele, por tanto tempo, tão prodigamente despeçalhara.

Na casa deserta das suas gargalhadas, rascantes, comprimidas — hi, hi, hi — me senti unico no amor das meus coelhos. Pouco, porém, durou a alegria da exclusividade. A falta de concorrência me tirou, talvez, o apaziguado estímulo, talvez o futebol a que, então, me entreguei com ardor, não posso dizer certo foram ficando abandonados os alvos objetos da minha primeira paixão. Aliás já não se mostravam possuidores da famosa branquia dos passados dias de rivalidade. Suje, maltratados, vagavam esquecidos pelo quintal, pelas hortas onde quisesssem, livres, se emparchalhando na lama, no pô, no depósito de carne, pegado ao gabinete.

Desabei de vê-los, nem mais ia ao quintal. O Marques, quando me encontrava na cozinha, não mudava a chapa:

— Seu Francisco está ficando um moço. Não quer saber mais de coelhos — e piscava o olho com sorrisos carregados.

— E, aí — respondia confuso e, me esquivava pelo corredor, passou a fugir dele às réguas.

Morreram, um dia, ergos; os olhos como vistosamente perdem a cor, se cobrindo de um véu opaco. Morreram, um dia, cheios de calambros na barriga, amedrontavam tita: "Será borbônica, Virgem Santa!"... Não era velhice, explicou o Manuel que sua parecia tudo saber a respeito de semelhantes assim. Morreram. Tita, penalizada, esperou que eu bem me entristecesse. Como, porém, não sentisse a dor alguma, procurei esconder-lhe este indicativo perigoso insensibilidade:

— Foi melhor assim, minha tia. Coitados, estavam sofrendo tanto.

Tita se afastou:

— Tem razão, meu filho. Foi melhor assim. No íntimo o que eu sentia era uma completa libertação. A bola era minha ideia fixa. Jogava de bolas, jogava mal, jogava como criança, mas jogava.

("Três caminhos").

ALGUNS SONETOS DE GABRIELA - de Andrade Dias

SAUDADE

Na vida na manhã tudo é bonança,
Tudo luz, tudo flor, tudo harmonia;
Tudo raios de suavíssima poesia,
Que embala em sonhos de esperança.

Tudo ventura ao lábio da criança;
Tudo verdade a alegre fantasia,
Tudo alegria da ilusão que a inebria,
Tudo vaidade a prazer, em vão se cansas.

Tudo um de amor, e com eles passam,
Tudo por uma, todas as quimeras.
Tudo invernos, fogem primaveras...

Tudo azul do céu, onde esvoaçam,
Tudo saudades das passadas eras,
Tudo da vida que perpassam...

2-1-1900.

SONETO

Em qual sonho sem ventura,
Sem linda que a pálida quimera,
No seu olhar, que, nada espera,
Tive a sorriso à sepultura...

A uma estrela nesta vida escura;
Terno no nascer da primavera...
Ao temor o riso que lacra,
O lábio sorri na desventura.

O cébil que eu sei fora bastante,
A tratar esta rosa que esmace,
As horas de valsa delirante,

Assim, tão linda esta erança,
Na lhe dera a existência, se me tivesse
Resto, uma palavra de esperança

23 — Janeiro — 1875.

O RETRATO

Na voraz e a morte impura
O fogo reduz a cinza fria
Teu olhar de fervida ternura,
Teus lábios de olimpica ambrosia

O valor dos trus beijos, da loucura
Que meu ser no teu se dissolvia,
O que resta? — Horrible ironia!

O paido retrato em tela escura!

Que triste aos poucos, solitário, expira,
E cada ass do tempo exposto à tra.
Como em as garras de fatal destino...

Não poderias mata-lo na memória
De Arte e da Vida, oh! rábido assassino,
A quem que me foi prazer e glória!

28 — Maio — 1892.

DOIS OASIS

A MINHA FILHA

Dois oasis no deserto extenso
Nossa vida, onde se apagam dores;
Tens fontes e sombras e fulgures,
Onde dormir no seio bom do Imenso.

— Queimaste os pés nesse brazeiro intenso?
N'essa de sêda? — (um dia) — Tens água e flores..
Revive! Esquece os amargores.

E sou o Amor, que as desventuras vengo...*

E dentro dia com voz sonora e calma
— Cansei? Vem! Deaprende o pensamento,
Dirás-o voar nas asas brancas da alma...
Acolhe-te à meu seio, e num momento
Um sono dormirás que a angústia realma;
Eu sou a Morte, eu sou o Esquecimento".

O MISTERIO

Uma frase de luz que nos fascina,
Um gesto retraído, um riso medroso,
Um fundo olhar, buscando o teuebro
Misterio deste ser que nos domina...

Um pensamento — águia peregrina —
Incessante, a voar vertiginoso...
Até encontrar na inexorável ruina
Da suprema verdade o intenso grito...

Um contraste de força e de fraqueza,
Tão grande e no mesmo tempo tão modesto
É um produto gentil da natureza...

E esse misterio é que nos deixa o mesto
Coração todo imerso na tristeza
De saber o princípio e não o resto...

A ULTIMA LAGRIMA

Completamente só e abandonada.
Sem um único arrimo, sem conforto.
Tudo em torno de mim é triste, é morto,
— Horrosa lagôa estagnada...

Digo adeus a esta vida desgraçada.
Quebro a cadia que a gemer suporto.
Sem saudades, com calma, não me importo
Para onde pra morte sou levada...

Encontro em ti, oh! lâmina assassina,
Único alívio que a meu mal imploro,
O golpe com que a morte me fulmina.

Um a um os martírios rememoro
Deste acervo sofrer que hoje termina...
Esta é a última lágrima que choro...

SONETO

De Sílio Quinto o maior remesso e tristonho
Recorda o teu aspecto sorumbático.
O povo, a te mirar, pergunta, exíctico:
"Será um poeta a labilar num sonho?..."

Porem eu que nos li os pontos ponho,
Vou contar o mistério numismático
De tua preocupação o alvo pratico,
Que te faz caminhar curvo e bisonho...

Não procuras no solo brasileiro
Colher as palmas de vibrante louro,
Nem as venturas de um amor primeiro.

Procuras o recôndito tesouro...
Guardas na mente o sonho prazentero
De achar no Guarajá uma urna de ouro...

RECORDAÇÃO

Aqui, neste divan, onde repousa
Os membros fatigados, sonolentos,
Tristemente me lembro dos momentos
Em que é meus braços tive o extremo gosto.

Inda recordo o olhar misterioso
Com que mal disfarçavas os tormentos
De tua vida de martírios lentos.
De um ignoto combate tormentoso.

Da palidez mármores do teu rosto
Inda me lembro, quando me disseste:
— Amanhã nos veremos ao sol-posto..."

Recordo o último gesto que fizeste...
E nos mesmos lábios ainda guardo o gosto
Do beijo que como um ador, me deste...

VENCIDA

A alma, longe de mim, vague no espaço;
Um ser misterioso me fascina:
Um olhar que eu não vejo me domina,
Prende-me inerme um invencível laço.

Eu não sei onde estou, não sei que faço;
Nem uma luz a treva me ilumina!
Escrava nesta garra leonina,
Luto, e em vão energias despedago...

E grande como são as minhas mágoas,
E mais forte do que eu está serpente,
Misterioso ser de ignotas fragas.

Perdendo as forças nesta luta ingente,
Como a folha bolando a flor das aguas,
Eu me deixo levar pela corrente.

RITINHA

Um quê de ave saltitante e leve,
Uns olinhos brilhantes expressivos,
Na face moreninha uns tons lascivos,
Os dentes miudinhos cor de neve;

Os lábios cor de rosa, a boca breve,
Os pesinhos gentis diminutivos,
De meiga intimidade uns tons esquivos,
Se nos furia a expressão, se não descreve!

E' um misto de flor e de poesia,
Uma endecha suave, um puro encanto,
Uma frase de luz e de harmonia,
Que nos transporta em lânguido quebranto,

2-4-1900 (O Iris, S. Paulo — 10-5-1900)

ALZIRA

Sorrindo por entre flores,
Vai a minha mensageira
Levar a ti, feiticeira,
Os mais suaves olores.

Do meu jardim os primeiros
Eu te envio, prasenteira,
Querendo que a vida inteira
Te seja um eden de amores.

17-1-1908.

Um documento referente à biografia de Teófilo Dias

Entre os papéis do arquivo de D. Gabriela Barbosa, filha de Teófilo Dias, encontramos o documento que publicamos a seguir, e que nos parece muito interessante. E' o recibo de enterro do poeta, enviado a D. Gabriela de Andrade Dias no dia seguinte ao enterro, e assinado por João da Cruz, representante da Empresa Púneraria Fernandes Azevedo & Cia.

Eis o recibo:

"A Ilma. e Exma. Sra. D. Gabriela de Andrade Dias de Mesquita deve:	
1 Caixão	80.000
Sala mortuária	20.000
2 Velas de 1/2	6.400
1 Coche de 1º	50.00
1 Caleça para Bdo. Viz	10.000
1 Caleça	15.000
	181.400

